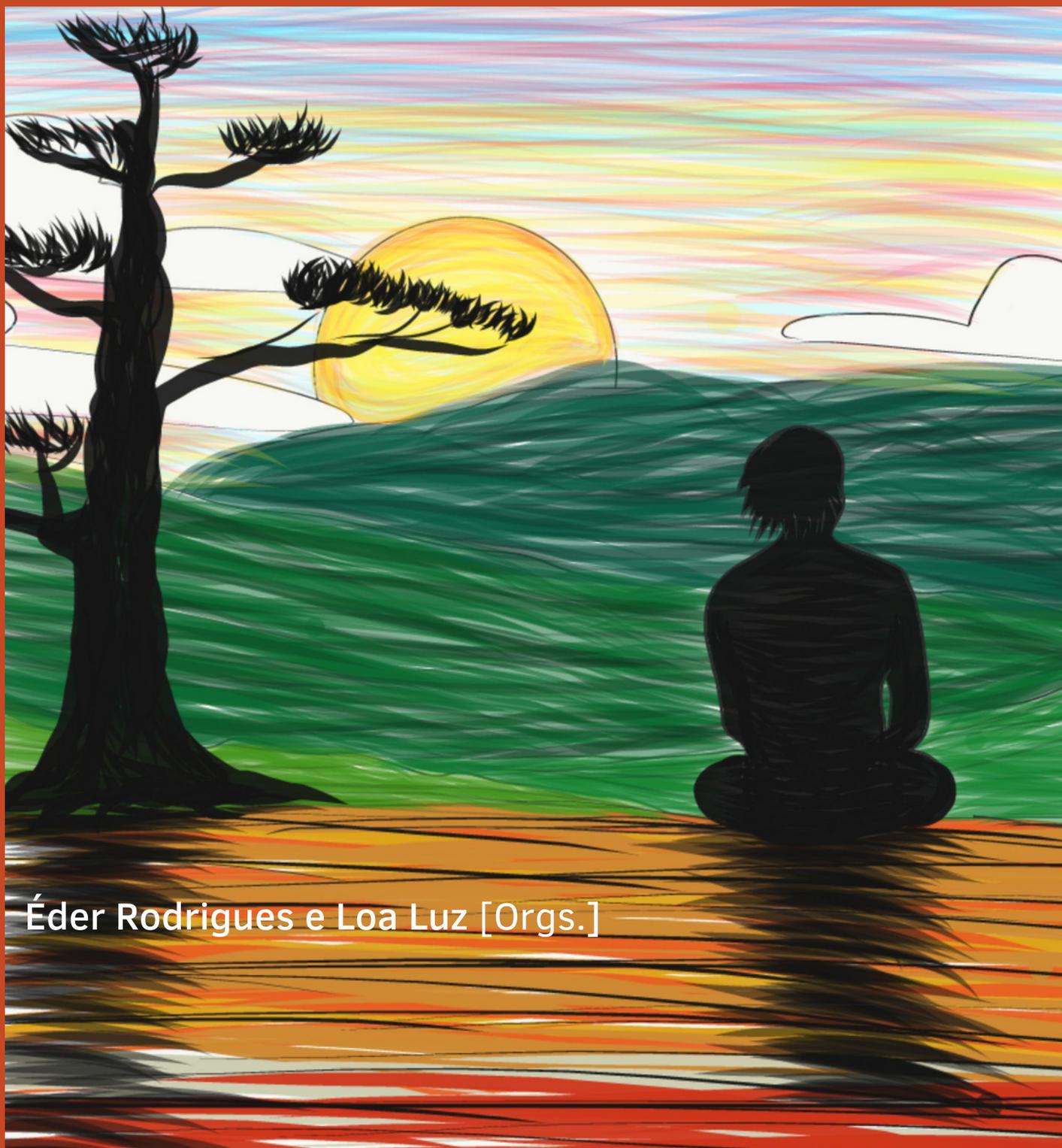


II Festival de Escrevivências do CFAC/UFSB

poesia—prosa—dramaturgia—videopoema—videodança



Éder Rodrigues e Loa Luz [Orgs.]

ARTES &
COMUNICAÇÃO

PROEX
Pró-Reitoria de Extensão
e Cultura



Agradecimentos

À todas/os que se inscreveram no festival acreditando no potencial transformador da Arte.
Ao Bruno Lopes, pela capa, à comunidade do CFAC e à PROEX/UFSB.

Catálogo na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)

F418 Sistema de Bibliotecas (SIBI)

II Festival de Escrivência do CFA C/UFSB; poesia – prosa – dramaturgia –
videopoema – videodança / Organizadores Éder Rodrigues, Loa Luz. – Porto
Seguro: UFSB, 2022. -
134 p. -

eISBN: 978-65-87232-20-1

1. Literatura brasileira – Miscelânea. 2. Poesia. 3. Dramaturgia. 4. Contos.
5. Festival de Escrivências do CFAC/ UFSB. I. Rodrigues, Éder. II. Luz,
Loa. III. Universidade Federal do Sul da Bahia. Centro de Formação em Artes
e Comunicação.

CDD – 869.8

Elaborada por Raquel da Silva Santos – CRB-5ª Região/ 1922

Sumário

Prefácio	4
Comissão Avaliadora.....	6
Poesia	
Categoria Público Interno	
Trabalho Premiado	8
Trabalhos Seleccionados	10
Categoria Público Externo	
Trabalhos Premiados	41
Prosa [conto/crônica]	
Categoria Público Interno	
Trabalhos Premiados	46
Trabalhos Seleccionados	53
Dramaturgia [cena curta/roteiro cinematográfico/peça teatral]	
Categoria Público Interno	
Trabalhos premiados	65
Trabalhos Seleccionados	113
Videopoema	
Categoria Público Interno	
Trabalho Premiado	128
Categoria Público Externo	130
Videodança	
Categoria Público Interno	132
Ficha Técnica	134

Prefácio

Este livro celebra a segunda edição do Festival de Escrevivências do Centro de Formação em Artes e Comunicação, da Universidade Federal do Sul da Bahia com os trabalhos que se destacaram no certame.

Realizado no período do contexto pandêmico, o festival trouxe como tema a frase motora: *Tudo aquilo que farei e não mais adiarei, assim que todo mundo puder se encontrar de novo.*

O tema provocou a escrita dos desdobramentos subjetivos e sensíveis atrelados ao período de isolamento devido à pandemia, fato que impactou diretamente nas nossas formas de perceber, sentir e ressignificar o mundo. Para além do vivido, o festival procurou também frestas e janelas para iluminar outros mundos possíveis.

O termo *escrevivências* vem sendo difundido pela escritora Conceição Evaristo como um processo de escrita que se utiliza da vivência para tecer narrativas reais, contadas e inventadas que remetem à experiência coletiva. Escrever passa a ser um instrumento e um fundamento para a tessitura de histórias nos diversos segmentos que, a partir da singularidade e da particularidade grafada, atravessa a experiência do “eu” e se desloca aos territórios e às fronteiras das experiências coletivizadas.

No período de isolamento que contabilizou mais de 680 mil mortes associadas à pandemia de COVID-19, o Festival de Escrevivências do CFAC procurou fomentar um espaço de experimentação sensível, integrando a comunidade acadêmica com a comunidade escolar externa por meio da arte da escrita e tudo que dela se desdobra enquanto resistência.

O II Festival de Escrevivências do CFAC/UFSB contemplou as modalidades da **Poesia**, **Prosa** (conto ou crônica), **Dramaturgia** (Cena curta, roteiro cinematográfico ou peça teatral), **Videopoema** e **Videodança**, em duas categorias:

I: Público Interno - Esta categoria contempla os/as estudantes devidamente matriculados/as em algum dos cursos da UFSB em qualquer um dos três campus da universidade.

II: Público Externo - Esta categoria contempla os/as estudantes dos CUNI's ou que estejam devidamente matriculados/as em qualquer escola de Rede Regular de Ensino da Região Sul e Extremo Sul da Bahia.

Convidamos todos/as os/as leitores/as a conhecer as formas delicadas, sensíveis e resistentes com que nossos/as jovens têm tecido e costurado os fios do partilhável e do indizível.

Evoé!

Prof. Dr. Éder Rodrigues da Silva
Coordenador Geral do Projeto
Centro de Formação em Artes e Comunicação/UFSB

Comissão Avaliadora do II Festival de Escrevivências do CFAC/UFSB

Profa. Dra. Eloisa Leite Domenici — UFSB

Profa. Dra. Cinara de Araújo — UFSB

Prof. Dr. Gessé Almeida Araújo — UFSB

Integrante da Comissão Organizadora

Loa Luz — BI Artes/CSC/CFAC/UFSB

Poesia

Categoria — Público Interno

Trabalho premiado

Saudade de uns tempos

Eis que me pego olhando para trás,
Olhando para as estrelas,
uma a uma.
Do começo da noite ao primeiro raio de sol,
a brisa arrepia a pele, um suspiro profundo.

O peito apertado
Flashes de cores e sensações de novidades.
Uma jovem euforia curiosa,
de me perder,
de me achar, ou ser achado.
De sorrir sem fim, de chorar sem fim,
mergulhar no desconhecido.
Da inocência em ser
De não me ferir

Eis que me pego pulando entre luzes e sons
Relembrando cheiros,
sabores, suores,
carros cheios ou vazios.
De tempos livres
De ir além, sem rumo, sem compromisso,
sem hora pra voltar.

Saudades

Eis que me encontro em nós apertados Em
tempos perdidos que não voltam
Em lembranças que voam,
que me alegam e me entristecem.
Eis que me encontro perdido no espaço,
perdido no tempo.
No desejo de querer reviver tudo aquilo
Viver o não vivido

Saudades.
Saudades.
Saudades.

Encontro-me preso
nesse filme de imagens intensas
De pessoas, lugares e momentos que congelaram
Vou seguindo em frente
com essa bagagem que me faz ser quem sou
Na vagarosidade dos meus passos
Numa eterna saudade disfarçada de minha sombra.

1º Lugar

Autoria: João Gabriel Penalva Farias

Curso Bacharelado em Políticas Públicas — Campus Jorge Amado

Trabalhos selecionados

Madrugadas frias

O trago insosso das minhas decisões
Revelam sem pudor na fumaça
minha incredulidade atroz .
Minhas intencionais automutilações
Corrói duramente
o reprimido sentimento de inexistência.
Logo embargado em minha vaga insolidez
Eu flutuo, esperando minha vez de sonhar
Ainda existe resquícios
da maldição de Pandora em minh'alma .
Sou criatura terrena inquieta,
sem paz, sem fé, sem criador
Embragada pela minha própria dor
Sou fruto sem raíz
Sou o declínio do amor
Sou os espinhos de uma rosa sem cor
Sou meu algoz e também meu salvador
Sou o carvalho velho de um whisky sem sabor
Sou as cinzas do fumo que nunca se incendiou
Sou um futuro sem passado
O presente sem valor
Sou os delírios intragáveis
De um jovem sonhador

Autoria: André Luis Ramos Pie

**Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e suas tecnologias
Campus Sosígenes Costa**

Inspiração

Estou precisando de algo
Além da compreensão
Respirar um novo ar
que me preencha de uma nova razão
Um supletivo pra esse mundo
sem motivos para mim
Inspirar paixão
Soprar sobre o coração
Sentir o que não se explica
e que nem precisa de explicação
Sonhar sem sair do lugar
e ainda sentir a sensação
Algo inédito prestes a nascer,
acontecer, surgir, enlouquecer
Algo que só se tem a noção ao escrever
Preciso de algo para além da compreensão
Pois é
Já sequei minha garrafa
daquilo que me falta
Doses diárias de inspiração

Autoria: André Luis Ramos Pie

**Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e suas tecnologias
Campus Sosígenes Costa**

Luz

Candelabros de pouca luz
Curvas finas, delicadas
Cada traço que me seduz
Sua imagem como um relicário
Em desejo me conduz
Cada verso no meu universo
Me mostra como se traduz
O enigma do seu beijo
Que tanto me reduz
Há algo tão pequeno e parco
diante de toda sua luz

Autoria: André Luis Ramos Pie

**Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e suas Tecnologias
Campus Sosígenes Costa**

Quero lhe contar algo louco
que minha ansiosa alma quer realizar

Colocaria nas minhas asas quentes
Minha família e amigos do coração
E com um abraço curador da mente
Apartaria toda raiva, angústia e dó
Ressignificando a fé, o amor e a união
Iria nos mais belos lugares
com minha filha a passear
Concederia à ela tudo o que quiser
Um momento de vivências
Até que seu rostinho venha a brilhar
Se eu pudesse, viajaria de balão
E lá no alto, com os pássaros cantaria
para todos ouvirem
Igual a um grupo de coral
cantando uma bela canção
Correria na velocidade de um leopardo a caçar
Até a Pedra de Cajuíta
E depois de ali deitar
Olharia para o sol amarelo

Faria um longo tour na Disney
E com a fantasia da princesa Tiana
Ousaria-me comprar um mágico restaurante
E beijar o meu sapo que sei que é rei

Teria um último minuto com minha avó
que era como um anjo aqui na Terra
Escolheria o caminho certo como Ló
Pra dizer o quanto meu amor por ela
sempre será verdadeiro e eternal.
O caos está aí, mas um dia vai embora
O que nos afeta não é compreensível
A impotência invade o peito nessa hora
Mas enfrentaremos positivamente
com fé e força
Pois tudo é vencível

Autoria: Laís da Conceição Silva
Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências

Os Eus que existem em mim

Quando estou **preocupado**

fico distante, pensativo, inquieto,
inseguro, cético, apreensivo e tenso...

Tento relaxar e ver o lado positivo

Confiar e acreditar,

mesmo que o pensamento

caminhe por incertezas.

Mas se estou **tranquilo**,

durmo e acordo bem;

Tenho calma o suficiente para pensar

e organizar as ideias.

A inspiração é minha companheira inseparável

O tempo parece não passar ou passa vagarosamente,

ou quem sabe fica estático.

Quando estou **triste** me sinto para baixo,

quase não converso.

Fico introspectivo,

apenas observando o ambiente em minha volta, buscando mais o

anonimato do que a exibição.

Ah, se estou **chateado**, fico aborrecido.

Não quero conversa, mudo o semblante e perco a razão. Parece que

sou outra pessoa em meio à confusão.

Mas se estou **feliz**, sinto uma paz interior.

Olho a paisagem, a brisa a me soprar.

Estou sorrindo por dentro,

ouvindo o canto dos pássaros

e apreciando a natureza.

Parece que não estou na terra.

Estou em outro lugar.

Autoria: Adilson Santos

Curso de Licenciatura em Ciências Humanas e Sociais e suas Tecnologias

Campus Jorge Amado

Ao se esconder no medo

e manter-se em segredo,
as coisas parecem não fluir.

A gente bem chora
e a saudade que um dia
pareceu nunca ir embora, já sumiu.

Eu não quero dizer como se sentiu,
muito menos invalidar a saudade.

Eu conto a minha verdade que me doeu,
mas que, de alguma forma,
conforta-me agora.

Ao me esconder atrás de mim,
da máscara que não me deixa respirar,
me conheci.

Porém se corro, sufoco.
Sem ela,
só posso comigo mesma.
Essa não é uma realidade autodepreciativa,
antes que mal me julgue.
É uma zona.
Essa tão confortável
que me acostumei na minha bagunça.
Me acostumei a me ver menos nos outros
e mais em mim.
Não sei dizer se isso é algo ruim.
Às vezes, acho ótimo.
Às vezes, nem tanto.

Mas é como se eu não ligasse,
já que a vida tem sempre dois lados,
e tudo bem.
Finalmente me olhei no espelho
depois de ver inúmeras versões de mim
se passarem tão depressa
ao longo dos dias
E me disse: "oi".

Cada eu com novos afetos, novos defeitos,
novos olhares e sentimentos.
Sou eu.
Não digo que só perdi,
nem só que ganhei.
Aliás, sinto que foi muito dos dois.
Porém, tudo que acontece na vida nos torna quem somos.
Prazer!

Autoria: Maria Eduarda Pina Lage

Curso Ciências Biológicas — Campus Sosígenes Costa

Memórias de um rio

Rio que passa aqui
Rio que transborda histórias
Carregando consigo, memórias.
Algumas delas satisfatórias.
Saciam a sede
dando vida e saúde
Resolvendo problemas
que a sociedade discute.
Águas tranquilas
Trazem a cura
Trazem a vida
Águas tranquilas.
Águas tão doces
Que relevam memórias
Trazendo bençãos dos céus
Que são chuvas satisfatórias.
Despertei um sentimento
Com as memórias dessas águas
Que me trouxe uma experiência
Que na vida faltava.
E ao entrar nesse rio
Entre essas experiências
Estava o Mergulhar.
Pois o sinônimo daquele rio
Era o se afogar.

Autoria: Cidiclei dos Santos Souza

**Curso Licenciatura Interdisciplinar em Artes e suas Tecnologias
Campus Sosígenes Costa**

Memória das águas

Quando eu era pequena encontrava nas lagoas
da minha cidade uma fonte de paz
Me tranquilizava com a luz do sol
refletindo na água parada .
O pôr do sol era radiante
Com as garças brancas e pretas
caçando alimento
Com o verde ao redor das lagoas
e as árvores do bosque
Tudo em volta das lagoas
Os ventos geravam ondas na água,
as árvores deixavam suas folhas
caírem às margens da velha lagoa.
Tudo naquele lugar gerava paz
A água é fonte de vida
Onde há água existe beleza e leveza
Seja corrente como nos rios
ou parada como nas lagoas
A água é vida
Quando eu era pequena
só avistava duas velhas garças,
Hoje existem centenas de garças na lagoa,
Lá elas encontram fonte de vida
e podem trocar suas energias.
Ciclos ao redor da lagoa
Belas lembranças com minha avó
Eu a ajudava a pescar
e sempre que saía da água ,,
eu estava cheia de sanguessugas
Mas era feliz em ser criança
e ter tempo para apreciar as coisas belas da vida
A água é fonte de vida
Onde há água, existe beleza e leveza

Seja corrente como nos rios ou parada como nas lagoas

Autoria: Janaina Cruz de Oliveira

Curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades — Campus Jorge Amado

**Se Eu Nasci Livre,
por quê tenho que estar presa nas tendências?**

Se padronizar é se afogar
no oceano desconhecido de si
Acredita-se que seja possível
se encontrar
e se identificar no meio da multidão
Mas este oceano é mais desconhecido
que o solo lunar
Está na moda ser logo identificado
Quem não a segue é estigmatizada
“É o inimigo da moda”
Quantas vezes vou ter que me perder
tentando me encontrar
nos padrões estéticos do momento ?
Quantas voltas no mundo darei
até o padrão mudar?
E depois, darei conta em me deparar
que o padrão de antes não é o de agora?
Isso tudo até me enxergar na minha essência
Alta destruição?
Não sei, mas é uma tentativa de se identificar
De não se sentir um peixe fora do oceano
Nadando contra a corrente em um habitat de tubarões
Quando entenderemos que estamos bem,
Que não depende dos fatores externos?
Mas sim do interior
Quem sabe assim daremos conta...
De que não precisamos lutar contra nossa imagem
Mas sim contra tudo aquilo que nos impede de ser feliz
Sem depender da imagem alheia
Se eu nasci livre,
Por que tenho que estar presa na caixinha da tendência?
As flores nascem belas
e exalam cheiros agradáveis
Não precisam de prisão estética
As mídias, as redes sociais nos impõem
como devemos ser
Multidões de robôs humanos
Fazem exatamente o que capitalismo propõe
Consumo, consumo a todo instante!

Autoria: Janaina Cruz de Oliveira

Curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades — Campus Jorge Amado

Tempo

Na ampulheta do tempo
vejo a areia cair sem ter como voltar
Tudo passou como uma brisa suave que o tempo levou.
Nada ficou,
O tempo, o tempo, quem pode segurar o tempo.
Há tempo pra tudo e não há tempo pra nada.
Corremos e não chegamos,
Dependemos do tempo
Tempo
que passa.
Tempo que esperamos chegar.
O que fazer com o tempo?
Não posso perder tempo. Mas como perder tempo se eu não tenho o tempo?
Vivo o presente,
não posso voltar ao passado.
O tempo presente, o tempo passado
Tudo é questão de tempo
O que esperar do tempo?
Ele vai e não vem
Passou e não vai voltar, porque o tempo ninguém pode pegar.
O tempo, o tempo, corre, corre sem parar, alguém segure o tempo
Não deixe ele passar!
Passou ninguém o alcançou, lá se foi o tempo que o vento levou.
Tempo, meu tempo, seu tempo, nosso tempo
Quem pode segurar o tempo?
O tempo é dono do tempo
Ninguém pode segurar o tempo.
Tempo, tempo, poderoso tempo.

Autoria: Lucigleide da Silva

**Curso Licenciatura Interdisciplinar em Artes e suas Tecnologias
Campus Sosígenes Costa**

Tempo é tempo

Tempo
traz,
tempo
leva,
tempo
cura,
tempo
liberta.

Tempo
mostra,
tempo
oculta,
tempo não
recusa.

Tempo passa,
tempo não
espera, tempo
vai depressa.

Tempo se
vive, tempo
se aproveita,
tempo é tempo,
não se esqueça.

Autoria: Jamile Oliveira dos Santos
Curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades — Campus Jorge Amado

Tempo

Eu sempre tive problemas com o tempo.
Parece-me que o tempo foge
por entre os dedos das mãos
Sinto que o tempo
tem uma forte ligação com as águas.
Não me pergunte, eu não sei explicar.
Eu nunca soube a hora certa de.
Talvez por isso eu ande tão rápido pelas ruas
e com tanta pressa.
Eu faço tudo tão rápido por medo
de não sobrar tempo pra... viver.
Quando me deparo com um relógio de parede,
sinto que algo me prende nos ponteiros.
Esse é o único momento em que,
de alguma forma, vejo o tempo passar.
Sempre detestei relógio de pulso,
Inclusive nunca cheguei a ter um.
Confesso que tenho mais medo do tempo
que da própria morte.
Eu sempre tive muito medo de um esquecer
(tic-tac, tic-tac)
Passaram-se seis anos desde que...
(tic-tac, tic-tac)
Como era mesmo?
Aquele negócio que....
(tic-tac, tic-tac)
Eu não me lembro.

Autoria: Erick Vinicius Reis de Santana Santos
Curso Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Suas Tecnologias
Campus Sosígenes Costa

Quando o pesadelo acabar

Quando o pesadelo acabar,
despertarei dessa realidade ruim.
Livre de todo o sofrimento,
para ter sonhos bons, enfim.

Quando tudo isso passar,
serei uma das primeiras a dançar
em forma de agradecimento,
por finalmente poder sonhar.
Sairei pelas ruas ao amanhecer
Caminharei sem destino
Só para observar as pessoas
trilharem livres seus caminhos.
Encontrarei minha família
Iremos comemorar em festa
Será um dia especial
Cheio de música e conversa.

Quando esse dia chegar
Vou beijar os meus queridos
E de braços abertos,
vou abraçar meus amigos.

Depois que esse tempo passar
Eu vou respirar aliviada,
por não ver tanto sofrimento
quando a televisão for ligada.

As tão sufocantes máscaras
não vão mais nos impedir
de apreciar os bons perfumes
que poderei sentir.
Aguardamos ansiosos
por esse dia de alegria
Onde finalmente estaremos
livres dessa pandemia.

Autoria: Iasmim Sena dos Santos

**Curso Licenciatura Interdisciplinar em Artes e suas Tecnologias
Campus Jorge Amado**

Retardo pandêmico

Tá tudo tão assim
e eu me sinto tão assim,
assim sabe?
sei lá, de um jeito que nem eu sei explicar,
meio lá, meio cá,
meio sem querer falar por não saber o que há,
confuso, errado, horário, descompassado,
vendo o dia começar e, ao piscar os olhos, o dia acabar,
certo que não sei de nada,
que estou atrasada mas não faço nada e
continuo sendo nada,
nem consigo nadar contra maré das minhas
atitudes travessas,

fico BOIANDO e sou

a
r
r
a
s
t
a
d
a

pela correnteza das minhas ilusões imaginárias
para o precipício do meu universo paralelo infinito particular, isso não tem fim...
Mas acaba que eu vou
concluindo que o que a gente chama de vida na terra é também uma ilusão
Então, de ilusão em ilusão, a gente vai sobrevivendo,
acreditando que o que pensa e vê é real,
mas não faria sentido viver sem acreditar em
uma ilusão, então a falta de noção alimenta a
ilusão e a ilusão alimenta a mente
e a mente alimenta a gente e
a gente alimenta a crença que tem na nossa mente,
e eu minto e tu mente, e a gente acredita que sente
saber o que sente ou sabe explicar o que sente,
e continua, sei lá, sem saber onde vai parar,
tentando encontrar uma ilusão para acreditar que parar é pior que falhar,
de sei lá em sei lá, continuo meio assim, sabe?
sem saber explicar o porquê sinto, mas não sei falar.

Autoria: José Isaac Xavier Santos

**Curso Bacharelado Interdisciplinar em Artes e suas Tecnologias
Campus Sosígenes Costa**

Fantasia Simples

Hoje chorei
Chorei lembrando do passado
Chorei imaginando o futuro
Chorei...lágrimas que eram
represa Hoje são uma torneira
defeituosa Que goteja, que vaza
Que com um toque errado
Molha tudo em volta

Mas todos os dias

Há um momento em que
da torneira não sai água
Um momento especial
Em que possibilidades otimistas são criadas
Em que futuros brilhantes são imaginados
E esperanças calorosas são cultivadas
em pensamentos opostos aos habituais

Nesse momento de olhos abertos

Sonho com sorrisos que vou dar
Com risadas que vou compartilhar
Com amores que vou viver
Com beijos que vou trocar
Com músicas que vou dançar
Com novos ares que vou respirar
E abraços que vou experimentar

Fantasio coisas simples

Como morder o hambúrguer de alguém
E experimentar uma bebida de outrem
Ouvir sussurros ao pé do ouvido
E gritar
com toda força
Tocar corpos quentes
E não chorar pelos frios
Matar saudades
E viver...

Para enfim voltar a chorar

Deixar o momento findar
Mas sabendo que todos os dias
Entre uma lágrima e outra
Eu posso sorrir com futuros calorosos
E fantasias simples

Autoria: Bruno Santos de Carvalho

Curso Artes do Corpo em Cena — Campus Sosígenes Costa

Sobrenatureza e Milagres

It's not a miracle
É tudo igual a América
Terra com nome de ladrão

Não quero apanhar mais,
tudo que quero é ser feliz
com a Rosiane
Uma sorte simples - Fische tudo Fische
Diz graças à quem te maltrata
Fazer amor com quem te mata
Mas fazer por que
Porquê congela o Sol
Se na cruz não têm os cravos
Sangue escorrendo, nós espinhos
Cor de rosa

Tic-tac que antecipa a explosão
Tudo do corpo é de água
Respirando chamas
Todo corpo é terra
Lá ele
De átomos ao mol
Pau pregado na
carne

Resssuscita
VITTAR, Pablllo
Todo dia.MP3
Como, "Vai passar mal" pra 2017
Imprescindível

SóViver

Com aquilo que não é previsível,
dar umas trelas à dona Rosa,
Caçar estrelas,
Um rosto para Maomé,
Pedras à Maria,
Virgens flores à Madalena
Grávida de,
maçãs caindo e espíritos
Gravidade nenhuma aguenta isso daqui
Arremessar
Um buquê com uma carta,
Dizendo,
"Nós temos sempre necessidade de pertencer a alguma coisa"
Saramago é Ser a Magna Maga Magnólia
Eu disse Magnólia

Pertencer
Pode ser uma casa
Pode ser suor
Queda
Cachoeira
Duas estacas de madeira sob o peito frio
Uma noite feia e tranquila
Religião,
Ou,
Fogos de artifício

Nascente,
Às vezes artificial
Buraco no céu
Caí

Uma terra é sempre uma bomba
Mina inesgotável
Booom - Xuá, xuáá, xuááá

Autoria: Caz Ângela Além Alma Apolinário Arruda Rodrigues
Curso Bacharelado Interdisciplinar em Artes e suas Tecnologias
Campus Sosígenes Costa

Não te conheço, e só por isso te escrevo.

Esmiuçando o assunto.
Desmistificando o escuro.
Desmembrando o peito.
Compreendendo a inexatidão das palavras.
Mergulhando na incompreensão sem voz.
Pelo borbulhar na barriga.
Pelos passarinhos que moram em ouvidos.
O que não é nome, é desordem
— ultrapassa o entender.
É cara de bobo,
é olhar vago,
é explicar-se
e desacreditar-se instantaneamente.

É além do que está no dicionário.
É algo que quer abraçar só porque tem braço.
Não cabe, é muito.

Autoria: Gabriel Carvalho Ribeiro de Lima
Curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades — UFSB

Carta a mim mesma

Ei, você mesmo
Escuta-me
Enxerga-me
Veja como grito sem emitir som
Veja o quanto me alegre mesmo não estando bom
Ei, você mesmo
Quando foi que respirei pela última vez?
Quando foi que me desencontrei
até que pudesse me encontrar de novo?
Ei, te conto
Vi que o que eu tinha não era meu mundo
Me vi no poço, lá no fundo
E nem tudo quero encontrar de novo
Pois sei, que adiarei me ver assim em socorro
Farei com que minha vida
não desmorone em um sopro
Até que você sorria comigo de novo.

Autoria: Andira Marta Nunes Pereira

**Curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades
Campus Sosígenes Costa**

Âncora

Sinto constantemente a respiração abafada,
coração dispara
Mais uma noite em claro
Não tenho resposta,
na realidade tá escuro!
Por dentro algo grita,
constante agonia
Converso comigo
e isso não é um pedido de ajuda.
Eu sou a minha própria âncora,
Pois sou a segurança
para não me perder ao adormecer
No momento o mar só está agitado
As nuvens, logo passarão
Então, calma, RESPIRA.

Autoria: Andira Marta Nunes Pereira
Curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades
Campus Sosígenes Costa

A quem possa interessar

Não te conheço, e só por isso te escrevo.
Nunca te vi, nunca te toquei
Não sei se você existe ou se estou delirando.
Mas sei que você talvez tenha sentido o que eu senti.
Assim como boa parte do mundo sente desde o ano passado.
As perdas repentinas, as mudanças constantes
E tudo que era muito e se tornou nada,
Tudo que era demais e simplesmente sumiu.
O tempo que foi perdido
já não pode mais ser encontrado nem reciclado.
Tantos encontros, carinhos e abraços que não foram vividos
E foram deixados para um depois que nunca chegará.
Tudo que foi retraído até perder os sentidos
Nada mais era normal,
e tudo que sobrou parecia piorar.
Piorar de uma forma quase que irreversível
Tudo que tinha valor, aparentemente não era mais necessário
O que era trivial, veio a ser raro
E com isso, o mundo continuou girando e a sociedade ficou imóvel.

Sabendo que você também passou isso, estou te escrevendo.
Sabendo que alguém pode entender o que eu tenho a dizer
Algo que ainda não acabou e você ainda está vivendo,
pois o mundo não deixa esquecer.

Planeje metas, faça listas e tenha em mente tudo que quer fazer
Não deixe nada para depois, pois o depois pode não existir.
Não tenha medo de viver,
pois um dia você morrerá.
Não censure o seu coração, ele sabe onde ele precisa ir.
Tudo o que temos é o agora, porque amanhã tudo pode estar perdido
É até uma loucura imaginar que somos tão passageiros,
que nem vemos o tempo passar.
E é melhor se arrepender do que nunca ter vivido
É melhor viver do que não se aventurar.
Espero que um dia te conheça
Espero que um dia possamos conversar
Espero que um dia isso seja apenas lembrança,
uma carta nunca enviada
Uma carta onde no destinatário esteja escrito: “A quem possa interessar”.

Autoria: Pedro Victor Santana Oliveira

Universidade Federal do Sul da Bahia

Quando tudo isso passar

eu sairei de casa sem máscara
Esquecerei dela,
e se por acaso me lembrar
Não voltarei para pegá-la
Fiz isso muitas vezes.

Vacinado duas, três vezes ou mais
Entrarei nas casas das pessoas
E elas me receberão com beijos,
abraços, aperto de mão.
Beberemos do mesmo vinho
Até na mesma taça
Se alguém espirrar
Será pura saúde
Ninguém ficará sem graça.

Não lavarei as mãos toda hora
Nem usarei álcool em gel
Se encontrar um amigo?
O abraçarei na hora!
E lembraremos dos que nos deixaram
e foram morar no céu.

Irei à missa, à feira
Na pelada do fim de semana
Encontrarei meus amigos de
bebedeira.
Andarei de bicicleta, a cavalo
Farei “tibum” e atravessarei o rio a nado
Só pra chegar do outro lado e encontrar você.

Tomaremos cuidado para não perdermos o ônibus
Que poderá vir lotado...
Os bares estarão cheios de intelectuais e idiotas
E nós seremos o recheio de sanduíche de gente
No meio da pipoca.

As festas estarão de volta
Eu não perderei nenhuma
Vestirei a minha roupa nova
Passarei maquiagem
Rodarei o mundo em longas e belas viagens

Tomaremos banho na mesma ducha
Deitaremos na mesma cama
Enrolaremos no mesmo lençol
Assim como a lua

Que sai durante o dia e se mistura com o sol.

Viveremos sem vírus

Vivos sonharemos

E realizaremos o meu sonho e o seu

Ao trocar o meu corpo pelo teu.

Autoria: João André Mendes Santos

**Curso Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Suas Tecnologias
Campus Sosígenes Costa**

Não adiarei

Não adiarei os beijos

Os 'xêros'

Os sexos

O luar

Não adiarei as prosas

Os vinhos

Os desejos

O gozar

Não adiarei as mãos

Os abraços

Os laços

O néctar

Não adiarei os sussurros

Os gritos

Os gemidos

O cavalgar

Não adiarei o agora

Os poemas

Os teus lábios

O amar

Autoria: Vanda Neves dos Santos

Curso Gestão Pública e Social – Campus Sosígenes Costa

O tempo nas mãos

Quando a pandemia passar
Olharei para o céu
As nuvens não serão mais as mesmas
As cores, tampouco iguais
Ainda será primavera (?)
Tudo ficou para trás
Quando a pandemia passar
Terei perdido os amores
As dores sentidas
A brisa, os laços
O calor dos abraços
Tudo é fugaz
Quando a pandemia passar
E eu puder ir embora
Levarei comigo as horas
Os dias gélidos
O tempo nas mãos
Olharei o relógio no pulso
Palpitar coração
Quando a pandemia passar
Lembrarei dos sorrisos
Do afeto perdido
Do agora que é nada
Do piscar sem demora
Da guerra invisível
E dos dias de paz
Quando a pandemia passar
Terei saudade da Terra
Das mães e dos filhos
Dos avós e dos primos
Do que foi perdido
Por falta de A(ma)R
Quando a pandemia passar
Cantarei meu lamento
Escorrerá pelos olhos
Hidratando o solo
Em forma de oração
[Quando a pandemia passar (?)]
[Não sei...]

Autoria: Vanda Neves dos Santos

Curso Gestão Pública e Social – Campus Sosígenes Costa

Loucura Abstrata

Tento me refazer nessa loucura
Às vezes louca
Vejo seus olhos nos olhos
Aquele elã
Talvez incompreendido
Mas sentido
Será que em vidas passadas
Tu foste meu grande amor?
Fitando seus olhos escuros
Seu sorriso com covinhas
Você me olhos
Amor à primeira vista
Sinto ainda calor
A paixão com seu fervor
Ainda faz meu coração refletir
Se por destino.
Você, por um momento poderia
Ter sido o meu grande amor.
Talvez te reencontre
Assim poderemos viver essa paixão
Só não me deixe te rever
Em uma nova ocasião
Trágico já é viver uma vida sem você.

Autoria: Ana Carolina de Jesus Santos

Curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades – Campus Sosígenes Costa

Sonho de manivela

Estrela, aquela menina,
um dia tão pequena,
Cabelo de nuvens,
olhos de luz
menina de lá do ventre,
Nasceu sonho de Pipa.
Menina pequena brincava
Menina pequena,
Pipa,
Todas as cores, texturas, tamanhos ...
Rica de Pipa, pensamento de Pipa,
Ah essa menina,
Menina cresceu, menina na escola era diferente,
menina recebia olhos diferentes do que ela olhava
para o céu
Céu de Pipa, Pipa livre
Pipa de todas as cores, jeitos.
Amiga, cada um do seu jeito,
Menina um dia voou
Menina um dia no mundo distante,
Ah esse mundo !
Esse mundo não conhecemos,
menina se perdeu no mundo,
menina sem carretel,
menina solta, voa em pensamento
Pipa,
E aqui olhamos estrela,
menina hoje mulher, porém, ainda menina.
Que mundo é esse de estrela?
Mas existe esperança,
Pensamento é força criadora,
Um dia Pipa ganha manivela,
Um dia Pipa ganha olhares sinceros
Pare! Pense!
Respeita estrela, ela voa com Pipa.
Pipa um dia, há de ganhar carretel
Estrela, aqui desse mundo
Do mundo de cá,
Seguramos por você, manivela,
Sociedade carretel,
estrela,
Ela solta, manivela,
Sociedade carretel, segura manivela.
Pipa solta pode voar,

Mas um dia, o tempo de Pipa há de passar
Estrela, segura carretel, e pode voar,
adiante!

Autoria: Larissa Malheiros Ribeiro

**Curso Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Biológicas
Campus Sosígenes Costa**

Alembro

Alembro dos teus olhos
Alembro das nossas gargalhadas
quando a senhora chegava do trabalho.
Alembro do cheiro de tempero
com água sanitária que a sua mão tinha.
Alembro da senhora acordando
a gente de madrugada para comer
frango cozido com arroz e farinha.
O jantar era a minha refeição preferida
porque a senhora estava com a gente.
Alembro das cartas que escrevia
para o seu aniversário
e para os dias das mães e dos pais.
A senhora sempre foi os dois.
Alembro do dia que te presenteei
com uma faca nos dias das mães
e então depois desse dia a senhora
reclamava menos quando cortava os temperos.
Alembro da senhora criando seus três filhos sozinha,
com dois empregos e estudando à noite.
Agora nos vemos em alguns dias da semana,
te levo no quadro da minha bicicleta
com suas sacolas na cargueira
e me alembro que o que eu tenho hoje,
tem total influência das coisas
do que a senhora abriu mão.
Tem total influência das lutas
que a senhora batalhou.
Obrigado por deixar o caminho mais leve pra mim.

Autoria: Jhonatan Almeida de Souza

Curso Licenciatura Interdisciplinar em Artes – Campus Sosígenes Costa

Poesia

Categoria — Público Externo

Trabalho premiado

Conceitos

Eu aprendo todos os dias sobre o que é a força
E não preciso olhar o dicionário para isso
Basta te ver lutando
todos os dias pelo sustento da família.
Firme, constante e feliz em estar contribuindo.
E é justamente por causa desta força que
eu nunca a vi desistindo.

A personificação de alguém
que lida com as diversidades.
Desde ainda criança, com oito anos de idade
Mãos calejadas, pela negra de natureza.
Mas também castigada pelo sol,
fazendo jus a sua bravura e destreza.
Aprendendo a terra preparar,
a plantar e a colher.
As plantações, por fim,
Vieram, aos poucos, florescer.
Sinal de resistência e coragem,
coroadas pela força de vontade.
Mesmo com dificuldade,
acordando tão cedo,
e vendo mais um dia vencer.
Dessa força eu nasci.
Quando eu crescer, quero ser igual a você!

Eu aprendo todos os dias sobre coragem
A coragem é sinônimo da decisão, audácia,
ousadia e valor.
Teu sorriso nem sempre era de alegria
Nessa luta do dia-dia,
o cansaço até te abatia,
contudo, cada vez mais,
você sorria a fim de amenizar a dor .
Tu te mostras inabalável
e nessa intrépida valentia
Parece até ironia,
como, cada vez mais,
o ânimo aparece no outro dia.
O que me faz pensar, refletir e dizer
Quando eu crescer, quero ser igual a você!

E nessas idas e vindas, altos e baixos da vida
Mudanças de lugares e hábitos
O refúgio sempre veio da terra,
o lugar mais improvável.
Através do seu esforço,
posso trilhar pelos caminhos da educação.

Um dia farei valer a pena,
cada calo em sua mão.
Eu lhe devo a alegria de saber escrever
Quando eu crescer quero ser igual a você!

Eu aprendo todos os dias sobre cuidado
O plantar exige todo um processo.
É cuidado com a terra
Com a água, com tudo que envolva a
plantação
É pensar também nas pessoas, nas famílias
que tais alimentos consumirão.
É isso você faz com prudência
e a devida atenção.
Com zelo aos mínimos detalhes,
capricho, cuidado e exaço.
Principalmente nos dias difíceis que vivemos,
onde é necessária toda a cautela.

Há um vírus que infelizmente ainda perdura.
Seu cuidado redobrou
E não se arrisca a pôr em risco
as vidas que a cercam.
Você cuida de todos
como se cuidasse do próprio coração
E sempre pensa em fazer
o que é melhor pra proteger.
Quando eu crescer quero ser igual a você!

Todos os dias eu aprendo sobre sensibilidade
Você sempre diz que o amor é a base de tudo
E isso não depende da idade
Tens prazer em ajudar, em se atentar aos
detalhes e acolher.
E o bem, ainda que não façam por ti,
estás, pelos outros, a fazer.
E se eu falo que quando crescer
quero ser igual a você
Não é em tamanho e idade,
É evoluir no quesito amor e sensibilidade.
Bom, em todos os conceitos
que aprendo contigo
Na sua vivência me inspiro
E quando tudo isso passar,
não mais adiarei amar
Não adiarei os sonhos, não adiarei abraços,
não adiarei viver .

Mainha, mulher negra e nordestina,
feirante agricultora.
De todos os conceitos tu és minha professora
Aprendi que posso ser tudo o que eu quiser
De uma coisa eu tenho plena certeza:
quando crescer, quero ser igual a você!

1º Lugar

Autoria: Adriana Santos Paixão
Estudante do Centro Estadual de Educação Profissional da Floresta do
Cacau e do Chocolate “Milton Santos”
Assentamento Terra Vista - Arataca/BA

Prosa

Categoria — Público Interno

Trabalhos premiados

O Outro Em Mim

Entre as horas dos dias, meço minha vida como quem colhe, às pressas, acerolas, sofrendo o ataque das pragas e a comorbidade que ostento. Inoportuna, ela limita meus movimentos dentro dos espaços possíveis.

O computador é sempre acionado para o intenso toque de meus dedos da mão trêmula, tensa por não poder deslizar a pele das palmas sobre o corrimão do prédio onde resido. O silêncio dos vizinhos denuncia intensos rumores em claustros de solidão anônima e o som do ventilador é a única música presente no ar.

O violão mudo, sem cordas, a televisão desligada, o livro esquecido no sofá e a cafeteira sempre suja denuncia o exílio de quem cantava a vida nas esquinas. Não há recursos para a internet, para a despensa, para os doces da padaria. Não há disponível trabalho para um artista de rua, de bares, de teatro. Não há palhaços fazendo pessoas rirem pelas ruas.

Nas mídias sociais escorrem sangue, metralhadoras de helicópteros insanos disparando em transeuntes sem direção, sem dinheiro, sem esperança, embebidos no abrasante calor dos trópicos da cintura do planeta, onde convivo com a solidão de paredes nuas, sem quadros ou recortes de revistas. Distante de minha terra, convivo em território estranho, desconhecido, onde a diversão é apenas a fila do pão do supermercado, onde troco frases rápidas com outros clientes apressados e com medo do toque, do olhar, da aproximação.

Máscaras nos rostos em toda paisagem desfilam em formas diversas, ocultando bocas que riem, bocas que choram, que balbuciam palavras densas envolvidas de luminosa gentileza. A lua e o sol se contrapõem pela minha janela e o conforto vem das aulas virtuais onde vislumbro espacialidades, lugares de fala, de escuta, onde os professores nos saúdam com suas virtudes de ensinar e de aprender.

A matéria da realidade histórica, pesada, cruel, bela, constitui imagens possíveis nas folhas de meu caderno pautado, desenhado, silencioso, que, aos poucos, tem suas páginas carregadas de inquietudes, vislumbres. Há pela frente três anos de discência, mas há três minutos de ausência de fé, todos os dias, impondo a sensação da derrota de concluir a jornada estudantil. A solidão se materializa em espectros aterrorizantes que discursam palestras sobre a falência iminente, sons graves de sepulturas se fechando em torno da casa, o medo.

O oceano me lembra Kalunga, travessia, ancestralidade, força e poesia, mas também invade os cômodos da casa em som constante me lembrando o escorbuto sem antídoto, sem conhecimento de causa nas naus dos brutos. A pandemia devastando as células, os corpos brancos, amarelos e negros, os empregos, as famílias mundo afora e por isso escrevo para amenizar o impacto das notícias sobre meus amigos, distantes daqui, que se foram sem meu abraço, sem sentirem as batidas de meu coração, da lembrança de nossa infância juntos.

Pelos pequenos cômodos da casa, meu corpo sofre mutações impostas, sensações incessantes que me afetam produzindo lágrimas, soluços, enfim o silêncio. O silêncio da alma, da casa, dos corredores, dos vizinhos, da rua, do parquinho, do mundo, é o mesmo em tudo, induzindo a me sentir menos só e compacto.

Novas configurações são inevitáveis à adaptação iminente do nascimento dos novos hábitos da humanidade, e aqui estou e vou, sobrevivendo através dos subúrbios esgotados do fluxo da vida, entre a peleja de néscios apoderados de instâncias políticas e sábios relutantes. Os caminhos são os mesmos, mas as paisagens se alteram com os aplicativos do novo *cyber* mundo entre ilhas humanas, ilhas de memórias, de amores, que se tornam obsoletas nas plataformas frias dos *deals* dos sistemas seletivos dos Homens Modernos.

Universos paralelos apenas existem em minha memórias, entrelaçados, constituindo diáfanos feixes de luz, recantos imagéticos, oásis de outrora, ofertando-me acalanto para viver entre as transições da luminosidade do sol, da lua, difusa na vidraça da minha casa de paredes de vidro e piso de gelo cravados no coração da cidade quente e perplexa.

Descarto as propostas do mercado das grandes corporações optando pela refeição da Rose da esquina, negra, guerreira, flor do povo, exposta à peste para viver de seu trabalho presencial, obrigatório, criando possibilidades de alimentar mendigos e probabilidades de prorrogar a vida dos mais pobres.

Existe amor nesse mundo e por isso permaneci na militância da minha sobrevivência, solitário, sentado na frente de minha imagem refletida nesse espelho que ouve e contesta os conceitos que construíram-me nessa sociedade caótica sendo devastada pelo cultivo dos genes da política sulfúrica gerada na indiferença e injustiça.

Escura e ferida é a pele dos que mais sofrem com as trevas emanadas de gabinetes torpes e vis, onde o canto de anhanguera ecoa entre as fibras corpóreas dos sórdidos detratores das virtudes, seguidos de místicos supérfluos com suas crenças caquéticas, catequizações nocivas, ultrapassadas, herdadas de ofícios nada santos das criptas fétidas, remanescentes do monetarista ocidente decadente, que desfigurou a acepção do Cristo, de Tupã, de Olorum.

A imagem no espelho revela-me destinos e propõe a catarse como único caminho a decolonizar os sentidos, ressuscitando o herói modorrento em mim que anseia por mais vida e menos morte. Minha guitarra, eu empunharei após transtornado período e cantarei a vida, a poesia. Cantarei a esperança entalada na garganta e secarei os açudes de lágrimas em minha alma, darei cores às partículas e moléculas que me compõem.

Verei a luz na íris dos olhos do meu próximo que irá me inspirar centenas de acordes intensos, mágicos para compactuar com os fluxos das correntes marítimas, do ar, dos corações. Na vitória iminente sobre o desencanto presente serei em todos, o que todos serão em mim, aglomeração e harmonia.

1º Lugar

Autoria: Júlio Cesar Pereira Carvalho

Curso Som Imagem e Movimento — Campus Sosígenes Costa

[Houve um empate no 1º Lugar]

Gaiola

“O amor quando se revela não se sabe revelar”. Enquanto folheio as páginas de Fernando Pessoa e tremo de frio, uma memória intrometida surge diante de mim. Vejo pombos. Vejo uma cidade infestada de pombos, eles são agressivos e cheiram mal.

Desde terça-feira parece haver uma guerra entre eles e nós. O mundo está cada vez mais cheio deles. Guardo o livro. “É tão engraçado”, diria meu pai, “o amor gosta de se esconder, mas o ódio sempre faz questão de se mostrar”. Se fosse somente o ódio talvez ainda houvesse esperança para a humanidade. O velho sonho de tentar transformar uma coisa em seu oposto. Eu sinto o vento gelado que, em vão, tenta me despertar de meus devaneios. Hoje sou só devaneios e só assim me liberto da tristeza que me agarra sempre que olho pelas janelas.

Ontem, lá fora, havia pessoas protestando contra a pausa do mundo. Uma perda de tempo. O mundo nunca parou, sempre esteve girando e nos aprisionando com a gravidade, tanto a física quanto a dos fatos. A gravidade da injustiça agora é mais alarmante, perde apenas para o problema gravíssimo que é a ignorância. Pela janela, eu via as cores das bandeiras e ria sozinha, conversando com as paredes e esperando meu celular vibrar com notificações. Ontem foi um dia ridículo. Foi terça. Eu odeio a sensação de impotência que as quartas me causam. Eu nunca sei se estou no início de uma semana gloriosa ou me aproximando da derrota final. Já se passaram oito horas e ele não visualizou minhas mensagens. Já se passaram muitos meses e os pombos não entenderam “a mensagem”. O que posso fazer agora?

A memória de ontem, a memória do ano passado e as memórias do que ainda vai acontecer se misturam e me confundem. O futuro me parece uma sombra. Uma tempestade de pombos escurece minha visão. Eu já não vivo. Espero e minha existência tem sido uma espera interminável, como se estivesse no ponto de ônibus na dúvida se cheguei cedo ou tarde demais para viajar. Posso ter perdido muita coisa pelo caminho, inclusive eu mesma. Eu espero. Espero o novo álbum da Lana del Rey, o verão, o fim dos tempos, o dia em que poderei olhar nos olhos de alguém e pedir desculpa por ter demorado tanto. É uma longa viagem e o destino é só mais uma justificativa fraca que uso para encobrir meu medo. Eu digo a ele que ainda há esperança, mas estou mentindo. Espero que ele me responda.

O dia está tão cinza. Queria tanto um sinal divino. Cheguei naquele momento da vida em que se acredita em qualquer coisa para suprimir o vazio de uma existência sem propósito. Acredito em sinais e não me importa se são enviados por Deus ou se da minha operadora dizendo que meus créditos chegaram. Estou ansiosa demais. Nervosa demais. Queria tanto saber o que ele está fazendo agora. Já não me importo se estou me afogando em promessas rasas ou se estou apenas fugindo do tédio. Não questiono. Só aceito. Minha passividade me difere dos pombos, mas me faz tão desprezível como eles. Ao menos os pombos lutam por comida, ou fingem.

Queria tanto sair de casa. Fugir desse quarto escuro que tem se tornado meu coração. Tento abrir as portas para que ele entre, faça morada, converse e fique comigo, no entanto, ele parece indeciso, foge, leva as chaves, me aprisiona. Talvez seja indiferente a mim, da mesma forma que é indiferente aos pombos. Eu o julgava por isso. Hoje entendo que não vale à pena. Se pudéssemos pelo menos uma vez sermos sinceros e sermos algo mais real e concreto que a simples tela de um celular. Se tivéssemos a coragem de enfrentar o ridículo e voar. Era isso que eu desejava antes do meu carro ser obrigado a estacionar nessa maldita fase chamada “vida adulta”. Engarrafamento. Fernando Pessoa sorri para mim da estante, como se me entendesse. Ou talvez seja uma das personalidades que ele criou para fazer coisas diferentes, tal como eu, quando finjo ser mais madura e engraçada para conversar com ele. Voar, voar, ser livre.

Mas o que você sabe do futuro se não conhece o que já é? A paráfrase poética faz um clichê. Acho que os poetas me odeiam. Se ao menos ele me odiasse o suficiente para me deixar e eu pudesse reencontrar a mim mesma antes de desafiar o mundo...Se ao menos não estivesse tão frio e os pensamentos incertos não atrapalhassem minha leitura...

1º Lugar

Autoria: Gabrielle Andreza do Nascimento
Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais — Campus Paulo Freire

[Houve um empate no 1º Lugar]

As tartarugas são indissociáveis dos cascos

Se não fosse por seu casco, ela provavelmente não teria morrido, pensou Murilo enquanto observava uma tartaruga atropelada. Se fosse mais rápida provavelmente teria conseguido fugir, mas sem seu casco ela não seria uma tartaruga. Que estranho pensou ele, esses animais não vivem no mar, à beira de uma lagoa deveria ser um jabuti ou um cágado, a diferença entre esses, ele não sabia. Aquela morte foi a mais impactante para ele desde que a morte se tornou ainda mais banal, talvez pela pouca frequência que via um bicho deste tipo morrer. Com pessoas ele estava mais acostumado. Mais cedo, antes de sair de casa, fato pouco habitual, tinha lido uma matéria que falava sobre como a grande quantidade de pessoas que andavam morrendo aumentou o lucro das empresas de caixão e que, por isso, eram um ótimo investimento.

Aquela saída de casa foi estranha, um pouco pelo sol que ele tinha se desacostumado a lidar e pelo animal de casco, o qual ele não saberia o nome correto. Voltou para seus afazeres com sua mesa, seu computador, suas teclas, seu mouse barulhento, suas costas cada dia mais rígidas e doloridas, sua vida habitual. Daquela sua saída, passaram-se dias ou meses, não fazia diferença, pois tudo parecia igual com pequenos detalhes alterados. Uma figura importante para o país dizia algum absurdo diferente, morriam muitas pessoas, notícias que sempre surpreendiam de uma forma negativa. Pessoas perfeitas em aplicativos de celular, tudo se repetia. Às vezes alguém ligava perguntando se ele lembrava de determinada pessoa e ele sempre perguntava bem rápido se esta havia morrido e, no geral, estava certo.

Nos próximos dias, ele havia recebido outras ligações daquele tipo. Ele continuou como, de habitual, fazendo seu trabalho, mas ele não conseguia parar de pensar em tartarugas. Como era dúbio o casco que as protegia e as limitava. Deveria ser ruim ser uma tartaruga. Não recebiam carinho. Elas se escondem, se protegem. É só isso que fazem. Constatou que ele era igual às tartarugas. Parou de pensar nisso quando o telefone tocou.

Além de tartarugas, ele também pensava em uma famosa cidade que tinha um farol preto e branco com uma grandiosa festa, que ele queria conhecer. Sempre arrumava desculpas para não ir, perdeu várias oportunidades. Lembrou de como era devagar em tomar atitudes e quantas perdas por conta disso. Ele parou de pensar nisso, pois acreditava ter escutado o telefone tocar.

Murilo parou de prestar atenção nas pessoas chorando no jornal quando teve um questionamento. Será que as tartarugas choram? Se elas têm olhos devem chorar. Ele lembrou que há muito tempo não fazia isso, não se recordava. Quando parou, só lembrava que deveria ser firme como pedra, mas não o motivo para ser firme.

Sua mente voltou para as tartarugas, elas eram firmes. Ele havia perdido o hábito de chorar, não se lembrava mais de como se fazia. Havia se tornado rígido como as tartarugas. E também como as tartarugas, ele havia se tornado indissociável de seu casco. Seu pensamento só não levou em consideração uma coisa, ele não era uma tartaruga. Talvez um dia quando as mortes não parecerem tão comum, ele abandone seu casco e talvez conheça a cidade do farol preto e branco. Mas por enquanto ele só se torna mais rígido.

Menção Honrosa

Autoria: Andrew Costa Magalhães

Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades — Campus Sosígenes Costa

Trabalhos selecionados

Reflexão

Volto à minha infância e faço uma reflexão do quanto o homem é mutável. Imaginava que o mundo era um paraíso. Lembro-me das brincadeiras de criança, da pelada na pracinha, da pesca no rio que passava no quintal da minha casa. Da canoa depois que o remo afundou, e como fiquei a um passo da queda d'água. Das frutas trazidas do campo no cabrito, um “jumento” da família.

Depois da adolescência, a minha visão foi se ampliando, aquele mundo fantasiado já não existia. Começava a surgir o eu vaidoso, sedutor e dominador. A fase da paquera na escola, das festas de colégio, da ilusão precoce de que todas as garotas estavam aos meus pés. Durante longos anos me mantive fiel a essa convicção.

Chegou a mocidade, a conclusão do ensino médio, o emprego no comércio, noites perdidas, viagens, mulheres e muita curtição. Após um período de um ano e meio cursando uma faculdade, envolvi-me com uma garota que, em seguida, engravidou. Deixei os estudos e nos casamos. Depois de doze anos chegamos ao fim do relacionamento. Mãe e filha se afastaram de mim. Ficou evidente que, à medida que eu fui vivendo, em cada ciclo da minha vida fui adquirindo maturidade e mudando minha maneira de pensar. Na minha infância pensava de um jeito. Na adolescência, de outro. Na mocidade, pensava diferente e, no tempo presente, com mais experiência, passei a ter outra visão acerca da vida e dos seus percalços.

Autoria: Adilson Santos
Licenciatura em Ciências Humanas e Sociais e suas Tecnologias
Campus Jorge Amado

Carta para uma desconhecida

Senhora, envio-lhe esta carta aleatória para lhe falar o que ando pensando sobre a vida e minha existência. A senhora não me conhece, e só por isso te escrevo, porque quero lhe contar tudo aquilo que farei e não mais adiarei, assim que todo mundo puder se encontrar de novo.

Andei pensando em fazer algo que nunca fiz, algo que para minha vivência. Parece loucura, mas assim que fazer, talvez seja mais uma banalidade das coisas feitas por mim. Quero ir para uma praia naturalista, descobrir minha nudez e me alinhar com a natureza, como sendo parte intrínseca de sua composição. Quero me encontrar enquanto medito por 40 minutos por dia. Ando meio perdida nos afazeres da vida, trabalhar e trabalhar todos os dias. Tenho que focar nos estudos, enquanto várias coisas ruins acontecem lá fora. Afastar-me de tudo aquilo que me faz retroceder. Devo me afastar daqueles que tentam me moldar violentamente: as pessoas tóxicas. Preciso ficar mais tempo com a família e ir à praia todo final de semana.

Querida, eu fico imaginando como deve ser sua vida, seus dilemas e suas ideologias, será que gosta de ir à praia? Andar sobre a areia, tomar um chope ou você deve ser religiosa? Será que ama a vida ou não encontrou um sentido para a mesma? Embora não a conheça, teço vários pensamentos sobre você. Eu não queria que esta carta fosse cheia de indagações, mas é inevitável. Contudo, andei pensando sobre nosso futuro e me perguntando: o que a humanidade deve ter como prioridade? O que fazer para retardar o fim do mundo ou a nossa extinção? Precisamos nos limpar de toda sujeira que mancha nossas vestes, e começar pela implementação em todo mundo de energias limpas. A emissão de gases poluentes deveria acabar porque se não, nós é que acabaremos. Além disso, deveríamos impor limites ao capitalismo selvagem e impor sanções a empresas que degradam o meio ambiente e não fazer vista grossa. Temos que salvar a Amazônia, o pulmão do mundo. Gostaria de falar dos meus desejos, será que posso me abrir contigo? Não é nada obscuro ou coisa de outro mundo, mas se fosse também poderia ser legal. Primeiro eu quero muito acampar com meus amigos, de preferência na praia em Serra Grande.

Caso queira, pode ir com a gente também. Segundo, como sou taurina, nesta lista de desejos, não poderia faltar comida (risos). Queria ir em um restaurante bem chique, degustar todo o menu e não pagar um real, comer de graça e não gastar meu rico dinheirinho. Terceiro, será que alguém pode me ensinar a voar de asa-delta? Queria muito essa adrenalina.

Eu não poderia deixar de te dizer que quero muito chutar os baldes, ando meio cansada das coisas que acontecem no mundo e eu não tenho poder para mudar essas coisas. O primeiro balde que chutaria, caso tivesse poder para isso, seria o da intolerância. Acredito que o mundo é diverso, e enquanto não aprendemos a respeitar o próximo, nos mataremos. Quero chutar a violência com todas as minhas forças, bem como o racismo, a homofobia e políticos que lucram com o sofrimento do povo.

O que mais me incomoda no mundo é a fome, acredito que ninguém poderia passar fome, incluindo todos os seres vivos, como os animais de rua. Contudo, o que me deixa maravilhada é a diversidade e a especificidade de cada um de nós. Por isso te escrevo, sei que não me conhece, mas pela carta dá para ter uma percepção sobre mim. Por que aqui lhe contei tudo aquilo que farei e não adiarei, assim que todo mundo puder se encontrar de novo.

Se leu até aqui, gratidão e luz para ti.

Autoria: Janaina Cruz de Oliveira

Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades — Campus Jorge Amado

Carta para Você

Respire fundo, se você está lendo esta carta é sinal de que a jornada ainda não acabou. Eu sobrevivi, sobrevivo, vivo e você também pode. Escrevo a você que não me conhece, talvez até me conheça, mas não tão profundamente. Quero lhe contar algumas coisas que fiz e tudo aquilo que farei e não mais adiarei, assim que todo mundo puder se encontrar de novo.

Sempre me chamaram de louco pelo meu jeito de ser ou pelas coisas que fiz, falei, faço ou falo. Em alguns momentos, não minto, duvidei da minha própria sanidade, mas a verdade é que eu sempre gostei de me perder mesmo e foi assim que fui me achando, juntando os cacos, misturando as cores. Para mim, louco é aquele que se priva de fazer algo que realmente deseja. Nós somos livres, apesar de não parecer, portanto se você quer, apenas faça, mas lembre-se também que todas as ações têm suas consequências.

Esteja ciente de que não somos perfeitos e nunca seremos. Os erros sempre existirão e eles existem justamente para aprendermos. Não precisa lamentar tanto porque algo não saiu como premeditado. Ao invés de gastar energia com isso, gaste mudando a rota da sua caminhada. Respire, comece novamente, evite procrastinar, o tempo passa cada vez mais rápido e nem tudo cai do céu. Eu mesmo já perdi muito tempo adiando as coisas, esperando um milagre acontecer na minha vida. Errei muito e lamentei muito também, e como lamentei, às vezes, estagnei por permitir me estagnar, portanto falo pelas experiências que tive até então. Respire fundo e vire a página, ou queime-a.

Busque aprender com esses erros, com as quedas, tudo isso vai nos lapidando, nos aperfeiçoando como ser humano e consequentemente nos dando poder de mudança, de fazer a diferença nesse mundo de desigualdades e discriminações desenfreadas. Você tem o poder de mudar, todo mundo tem.

E sim, em alguns momentos você irá surtar e vai desejar que o mundo exploda. Pode até parecer uma solução rápida, mas não é bem assim que funciona. Novamente repito: respire fundo! Isso é apenas mais um passo, quanto mais a gente ilumina o caminho, o lado sombrio se revela também. É difícil, mas vai passar. Se eu já surtei? Perdi a conta. Muitas crises de ansiedade, ataques de pânico, de me fechar numa bolha impenetrável e parar no tempo, de me estressar a ponto de quebrar copos e copos de vidro, mas sobrevivi.

Vi que eu poderia fazer algo para melhorar a situação e fiz. Busquei a minha paz comigo mesmo, sim, ela existe aí em algum lugar, lógico que nada será cem por cento, mas é um estado de espírito alcançável. Pra começar, chute o balde, ligue o botão daquela palavra mágica e mande tudo aquilo que te perturba para bem longe, tudo aquilo que pesa, todos aqueles que não te fazem bem, tudo aquilo que prejudica sua saúde mental e física, porém abra exceção pra uma tacinha de vinho, ou duas... a digestão é maravilhosa.

E como não surtar nesses tempos de pandemia? Como não ficar ansioso, esperançoso e, ao mesmo tempo, sem esperanças? Como não se preocupar com os outros, com as dificuldades, dia após dia? Como não ficar chateado em querer ajudar em alguns momentos e não ter recursos suficientes? Tem sido uma tarefa desgastante, mas nós estamos sobrevivendo e vamos vencer dando mais um novo passo coletivo.

Tente também separar um tempo para fazer aquilo que te dá prazer, que te faz esquecer de tudo por alguns minutos. É fundamental pra enxergar algumas soluções. Deixe a mente menos embaçada, eu mesmo optei por meditar já que tenho facilidade para isso. Optei por andar no meio do mato, ir à praia, ou apenas à padaria com uma boa música nos ouvidos. O mínimo pode ajudar tanto e ser tão prazeroso ao mesmo tempo!

Lembre-se que não estamos sós, que você pode e deve pedir ajuda quando precisar e se possível, ajudar também. Cultive a empatia pelo próximo e respeite a dor e o tempo dos outros, ninguém é igual, todos têm o direito de ser quem são ou quem escolhem ser. Preciso dizer a você algo que eu acho muito importante sobre relações humanas. Dê valor a quem demonstra cuidado, carinho, amor, atenção e te apoia de verdade. O tempo voa e nunca se sabe se verás ou quando verás novamente aquela pessoa que tanto fez ou faz por você. Nem quando terás a chance de agradecer por tudo, portanto, agradeça, abrace, converse, beije, ame e, se não amar, tudo bem também!

Apenas trate bem e tente ser uma pessoa boa, no fim o que fica são as lembranças e é bom lembrar de coisas boas. Bem, vou parando por aqui, pois prefiro um retorno seu para marcarmos um café ou um vinho e assim continuarmos a conversa ao vivo, ou falarmos de qualquer outra coisa mesmo, pois quando essa pandemia acabar eu quero viver tudo que ainda não vivi, aprender tudo que possível e ainda não sei, ensinar tudo aquilo que sei, fazer tudo aquilo que me prometi e até hoje não fiz e tentar ser e fazer a diferença positiva na vida dos outros. Se leu até aqui, muito obrigado pelo seu tempo, espero, de fato, que eu tenha contribuído um pouco ou muito com o seu mais íntimo!

Autoria: João Gabriel Penalva Farias

Bacharelado em Políticas Públicas — Campus Jorge Amado

Quando buscamos o conhecimento

Muitas vezes não atentamos para as consequências dos nossos atos. Vemos e somos vistos. É um ciclo. O que eu vejo me influencia e eu influencio a quem me vê. Tudo o que somos é consequência do que vemos para o bem ou para o mal, vivemos correndo cercados pela tecnologia.

A busca incessante pelo que se vê causa destruição. Querer ser igual, quando na verdade não podemos ser iguais, pois somos indivíduos únicos. Estamos muitas vezes presos dentro de nós mesmos (Mito da Caverna de Platão) e, quando saímos da casca, nos deparamos com um mundo tão cheio de coisas que descobrimos que a nossa imaginação dentro da casca era falsa, fora da realidade.

Então começamos uma busca desenfreada pelo que vemos e isso vai sugando a nossa energia a ponto de explodir com tanta informação.

Somos o que vemos e quem nos vê é o que somos.

Autoria: Lucigleide da Silva

Licenciatura Interdisciplinar em Artes e suas Tecnologias

Campus Sosígenes Costa

Sei que não devia,

mas vou escrever esta carta para alguém que ainda vou conhecer. Hoje eu acordei pensando no que iria fazer se o amanhã não fosse mais existir. Quantas coisas não vivi e outras deixei passar. Agora o que vou fazer quando todo mundo puder se encontrar de novo?

Vou usar uma plaquinha "ABRAÇO GRÁTIS" e depois vou alçar grandes voos para me encontrar além do horizonte e descobrir tudo aquilo que tenho para viver do amanhecer até o anoitecer.

Quero mergulhar profundamente em meu ser e descobrir quem sou eu e pra onde vou. Me perdi no tempo em meio a contratempos, buscarei a minha verdadeira face.

Adiarei o fim do mundo com um caldeirão sem fundo cheio de empatia e amor ao próximo e agindo sem me esconder ou fugir. Buscarei cuidar mais de mim e viajar muito. Colocaria fim na corrupção, nas doenças, na toxicidade das pessoas e no pessimismo.

Detesto comodismo e preguiça e me encanto com a capacidade do ser humano de se reinventar. Além do infinito eu vou me encontrar. Você não me conhece, mas quero te dizer que foi muito bom escrever para você nesse era de isolamento.

Autoria: Lucicleide da Silva
Licenciatura Interdisciplinar em Artes e suas Tecnologias
Campus Sosígenes Costa

Aleatória

Sou muito aleatória, alegre e espontânea e por ser assim tenho desejos ecléticos, por exemplo, como pode uma menina que nunca provou dos desejos carnais, se imaginar fazendo tais atos com mais de um amor? Eu sei, parece loucura, mas eu sou assim mesmo, um pouco fora da casinha. Saber que minha família me dá total liberdade para ser quem eu sou (e com família quero dizer, a minha mãe e a minha irmã) me fez ser essa pessoa segura e confiante para saber o que quero, e para me sentir orgulhosa por me sentir atraída pelo lindo e pela linda, e que não tem mal algum em ser assim. Foda-se a opinião dos outros. Amo estar arrodada de pessoas rindo e fazendo-as rir, mas nada mais prazeroso do que ficar sozinha no meu canto favorito no mundo. O meu mundo da lua é onde eu passo a maior parte do meu tempo, segundo a minha família. O que é a mais pura verdade já que lá eu não me esbarro em pessoas cruéis, sem um pingão de alegria e que não sabem rir da própria desgraça (algo que faço com frequência e é muito bom, a gente fica um pouco mais leve) e não descontam em pessoas aleatórias. No meu mundo da lua, não preciso me preocupar se estou bem vestida o suficiente para não deixar aparecer o que eu penso ser feio em mim (sim, eu tenho inseguranças, apesar de demonstrar ser tão certa do que eu quero e mandar o foda-se pra tudo). Lá eu sou livre do mundo e principalmente das minhas inseguranças, e não preciso me preocupar se a pessoa que vai me apresentar ao mundo dos prazeres é a pessoa pela qual, eu possa me arrepender no futuro. No meu mundo da lua sou respeitada, mesmo que eu tenha seios e uma vagina, lá ando sem medo e confortável. Não preciso ficar frustrada e nem abalada com a ingnorância humana, pois lá as pessoas (apesar de serem poucas) pensam umas nas outras, coisa que não encontramos por aqui, não com facilidade. Às vezes, eu penso que foi exatamente por isso que o *Cara lá de cima* levou a minha irmã. O mundo não é lugar para tamanha pureza e leveza, apesar de não ter muita certeza se ela seria assim. Dez dias de vida é muito pouco tempo para tentar prever o futuro de uma vida toda, mas é a única explicação que eu tenho para isso. Pposso até estar me iludindo, mas prefiro pensar assim. Com tudo, creio que o meu mundo da lua é desejado por você que lê esta carta. *Se preocupa, não!* Você também tem o seu próprio mundo da lua, basta fechar os seus olhos e encontrar dentro do seu coração um universo de coisas aleatórias que você nem sabia que existia. Uma vez me perguntaram qual era o meu maior sonho, falei que não sabia. Com vergonha em dizer que o meu maior sonho é que um dia todos possam ver o meu mundo da lua.

Autoria: Bruna Jacobina Medeiros
Licenciatura Interdisciplinar em Artes e suas Tecnologias
Campus Sosígenes Costa

Lanche na Lua

Tarde fria de 23 de setembro de 2021, início da primavera. A temperatura estava em torno de 12 graus na “Suíça Baiana”, Centro-sul da Bahia... Nessa “cidadezinha meio fria” a garotinha chamada Sophia reside com o seu pai e a sua mãe. Sophia tem 04 anos de idade, gosta muito de ler, de brincar, e é uma garotinha muito criativa!

Enquanto Sophia brincava com algumas de suas bonecas, sua mãe, Vanessa limpava a casa. Vanessa sempre separa o lixo ao terminar de limpar a casa, dessa vez não foi diferente. Vanessa separou o lixo e deixou em um local na garagem para dispensá-lo em algum momento. Minutos depois, ouve-se um barulho no portão. Eram duas mulheres e uma criança. A criança aparentava ser mais nova que Sophia, devia ter entre 2 anos de idade a 2 anos e meio. Uma das mulheres exclamou ao portão: - Ô de casa! Ô de casa!

Vanessa resolveu abrir o portão. A senhora perguntou: - Moça, você tem algum material para reciclagem?

Vanessa respondeu: - Acabei de separar! Tenho papelão, garrafa pet, caixas de leite...

Enquanto isso, Sophia veio até o portão e observou que ali havia uma menininha.

Vanessa entregou o material. Em seguida, eis que Sophia pergunta: - Mamãe, o que elas querem?

- Elas querem materiais para reciclagem, filha.

Sophia sai, e, em seguida, volta com algumas de suas bonecas e doa para a menininha: - Essas bonequinhas são para você!

A menininha ficou muito feliz! Em seguida, as mulheres e a menininha agradeceram e foram embora. Sophia pergunta: - Mamãe, porque elas queriam reciclagem?

Vanessa: - É para vender e ganhar um dinheirinho, filha! Elas se mantêm disso, porque não têm trabalho fixo, por isso elas recolhem reciclagem.

Sophia: - Elas trabalham em família, não é, mamãe? Que legal!

Vanessa: - Sim, filha! Elas trabalham em família recolhendo reciclagem devido a necessidade. E eu fiquei muito feliz que você doou algumas de suas bonecas para a menininha.

Sophia: - Sim, mamãe. Eu também gostei. E a menininha ficou feliz!

Vanessa: - Nós temos que agradecer a Deus porque o seu papai está trabalhando e tem condições de nos alimentar e não deixar a gente passar fome.

Sophia: - É verdade, mamãe! Quando a pandemia passar, eu vou querer entregar lanche para todas as pessoas. Não vou deixar ninguém passar fome, vou entregar **lanche (até) na lua!**

Autoria: Vanda Neves dos Santos
Curso Gestão Pública e Social – Campus Sosígenes Costa

Não te conheço, e só por isso te escrevo essa carta, mas já peço desculpas, pois estou um pouco nervosa. Queria começar te falando coisas maravilhosas, contar meus planos e minhas alegrias, mas acho que antes disso seria importante te falar o que perdi. Pois é sobre isso, né? Um ano doloroso, de tantas perdas. Sinto que tive mais sorte que alguns, pois ainda tenho minha família, meio incompleta, porém todos bem. Perdi momentos nos quais acreditava que seriam necessário colocar vírgulas para suavizar, contudo não tive o controle e vieram pontos finais. Logo eu, que sempre tive toda a minha vida planejada. Tive que simplesmente remediar, dançar conforme a música, o que me faz pensar que a vida é completamente imprevisível e que a única coisa que temos é o dia de hoje.

A perda foi sobre um futuro idealizado, metas a serem cumpridas, a angústia de ter que esperar quando a gente vive em um mundo em que todos estão sempre com pressa. A perda também foi sobre se afastar de pessoas do seu cotidiano, de gente que te faz bem, de uma parte da família que geralmente sempre esteve tão longe, de pessoas que faziam suas manhãs mais leves. Pois é, eu não te conheço, mas eu tenho sim que te escrever essa carta porque talvez eu consiga te convencer a viver intensamente cada momento da sua vida, pois eles passam tão rápido. A vida passa tão depressa que é burrice viver correndo.

O que farei e não mais adiarei depois que tudo isso passar: irei a praia, pra pertinho do mar sentir o cheirinho de água salgada, ouvir o barulho do vento e as ondas quebrando nas pedras, sentirei o calor, a energia e agradecerei por estar aqui. Vou sair sem culpa e respirar o ar puro sem medo. Viverei e reviverei todas as fotos que estão pregadas na parede do meu quarto, com pessoas as quais compartilhei os melhores momentos da minha vida. Quando todo mundo puder se encontrar de novo, ah, meu amigo terei, que te contar em outra carta.

Autoria: Líris de Cássia Santos Dias
Curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - UFSB

Dramaturgia

Categoria — Público Interno

Trabalhos premiados

1. EXT. VILA ICATU - ENTRADA - DIA

Entrada de uma vila circular, cercada de palmeiras. Um letreiro indica o nome da vila: VILA ICATU. Há alguns BALAIOS, homens rebeldes, camponeses, quilombolas, vaqueiros, indígenas. Outros chegam, se encontram e conversam. QUILOMBOLAS se aproximam da vila, dentre eles está AZEKEL, negro, quilombola. Balaios os encaram. Os quilombolas ignoram, exceto AZEKEL, que se retrai e fica para trás do grupo. ANTÔNIO, branco, vaqueiro, encostado numa palmeira, fuma um cigarro com um CHAPÉU na cabeça. Ele observa Azekel isolado, apaga o cigarro na árvore e anda em sua direção. Antônio tira o CHAPÉU.

ANTÔNIO

Bem-vindo, companheiro.

Azekel acena com a cabeça. Antônio olha em volta.

ANTÔNIO

Sem medo, não tem mais sinhô aqui, não. Toda gente em Icatu luta pela mesma coisa. Como é que ocê chama?

Azekel olha nos olhos de Antônio com desconfiança.

ANTÔNIO

Cortaram sua língua lá na fazenda, foi?

AZEKEL

Azekel.

ANTÔNIO

Eu sou Antônio. (pausa) Escuta, as coisas não estão lá muito boas aqui, não. Mas algo me diz que se a gente tiver junto, vamo tá seguro, camarada. Eu vou cuidar d'ocê.

Antônio estende sua mão. Azekel relaxa o semblante sisudo e aperta com força a mão de Antônio.

UBAJARA, indígena, belo, forte, chega e se aproxima dos balaios, caminhando com calma. COLAR com PINGENTE, pequeno pedaço incongruente de ouro, no peito. Adornos e pinturas pelo corpo. Ele passa despercebido e cessa a caminhada. Ubajara se abaixa e toca o solo com as duas mãos abertas. Terra entre os dedos.

Azekel percebe a chegada de Ubajara e alterna sua atenção entre Antônio e Ubajara. Ele abandona Antônio, sem dizer nada e anda em direção a Ubajara. Antônio, invocado, segue Azekel. Os dois observam Ubajara que, com a cabeça baixa, demora para perceber a presença dos homens. Ele ergue a cabeça, Azekel estende a mão, Ubajara aceita e se levanta.

UBAJARA

Aguyje. Che maitei rory maymavápe.

Antônio olha fixamente para o COLAR. Ubajara o encara com incômodo.

UBAJARA

É o que sobrou da nossa terra.

Azekel e Antônio assumem semblante de dúvida. Ubajara pega no COLAR.

UBAJARA

Che Ubajara. Tô aqui pra lutar pela terra dos meus . A gente foi roubado, explorado e o colar é uma pequena parte do que o branco deixou pra trás. Igual nosso território, tem que ficar com a gente porque é um pedaço da natureza, de onde veio minha cultura e, depois, meu corpo.

Azekel presta atenção nas palavras com admiração e coloca a mão no ombro de Ubajara. Ubajara sorri e puxa Azekel. Abraço. Antônio observa o abraço.

2.EXT. MATA DOS COCAIS - CLAREIRA - DIA

Antônio e Azekel colhem folhas de palmeiras. Monte de folhas. Ubajara sentado no chão. Ele trança um cesto e ASSOBLA. Antônio executa o trabalho com brutalidade. CHAPÉU preso no pescoço e pendurado nas costas.

Ubajara observa Antônio.

UBAJARA

Vai com calma, vaqueiro. Você nem pediu licença antes de pegar as folhas de Wira'zar.

Antônio revira os olhos.

ANTÔNIO

Ocê tá no mesmo movimento que o resto, Ubajara? Como é que eu vou ter calma? Derrota em cima de derrota. Os Cabano tão tudo é certo! Essa revolta só traz desgraça.

UBAJARA

É assim que um derrotado fala, mesmo. Nemarangatuete!

Antônio coloca seu CHAPÉU na cabeça e se aproxima de Ubajara. Ubajara se levanta, cabeça erguida.

ANTÔNIO

Quando Lima e Silva assumiu as Arma da Província, acabou a piedade. Então, camarada, se o tal coronel te pega, essas *suas ideia* aí não duram nem um minuto.

O monte de folhas é levado por uma rajada de VENTO. Azekel corre atrás delas.

UBAJARA

Ah, mas você tá muito enganado. Esse corpo aqui que faz *as ideia*! Só que o que o vaqueiro não sabe é que eu posso até morrer, mas enquanto existir terra vai existir ideia, luta. Esse seu jeito de entender o tempo e a morte não serve pra mim nem pra amyipagûana.

Antônio ri com deboche. Azekel recolhe as folhas.

AZEKEL

Pra que brigar? Tá tudo difícil, mas é isso que os homi lá em São Luís gosta de vê! *Eles num quer a gente junto não.*

Ubajara e Antônio ignoram.

ANTÔNIO

Deixa de conversa fiada, cabra! Corpo só foi feito é pra trabalhar.

UBAJARA

Não. Nosso corpo tá sempre resistindo. Hete é luta.

3.EXT. VILA ICATU - ACAMPAMENTO - NOITE

Os balaios descansam. Antônio dorme encostado em um tronco de árvore. Azekel se aproxima dos outros com um balaião nos braços. Ubajara, mais afastado, observa o céu, sentado perto da FOGUEIRA.

Ubajara para de olhar para o céu. Ele volta sua atenção para alguns balaios à frente. Seus olhos encontram os de Azekel. Os dois se encaram por alguns segundos. Ubajara faz menção com a cabeça para que o amigo se aproxime. Azekel anda em direção a Ubajara, coloca o balaião no chão e se senta ao seu lado. O balaião está cheio de PEIXES. Alguns estão mortos, outros ainda se debatem. Moscas voam em volta de Antônio que segue dormindo. O fogo está ameno, quase se apagando.

A conversa demora para começar. Ubajara toma fôlego, vira-se em direção a Azekel e olha para Antônio de relance. Azekel repete o movimento com semblante duro.

UBAJARA

Azekel, esse Antônio não te cheira mal, não?

AZEKEL

Não. O Antônio me acolheu. Antônio protege.

UBAJARA

Angirú tá sendo bobo. Você é que protege ele! O Antônio despreza a tetãme, maltrata quem dá vida. Ele não tá aqui lutando pra retomar território, não tá aqui pelos balaios. Esse egoísta tá aqui pra ver se ganha alguma coisa, porque acha a Balaiada forte. Ou achava.

AZEKEL

Que isso, Ubajara? Te respeito, mas num te entendo. Se num tá lutando com a gente, por que ele ainda tá aqui? O homi só tá nervoso. Ele diz da boca pra fora. Homi nervoso não fala o que pensa de verdade, todo mundo sabe isso.

Ubajara olha Azekel com semblante de pena.

UBAJARA

Você me respeita e eu gosto da sua bondade. E sabe quem gosta mais ainda? O vaqueiro esperto que quer sua proteção a todo custo. Ingênuo angirú.

AZEKEL

Sei não, isso tá me parecendo ciúme.

Ubajara se irrita. A FOGUEIRA ganha força inesperadamente. Azekel se assusta. Silêncio. Restam apenas sons de moscas e brasas queimando.

O indígena respira fundo e se recompõe. A FOGUEIRA cessa. Ele olha profundamente nos olhos de Azekel.

UBAJARA

Jepi toma cuidado com o branco, Azekel. Jepi.

Ubajara se levanta lentamente e se afasta, deixando Azekel só.

Azekel permanece sentado, pensando. Ele encara a FOGUEIRA. Os sons de mosca e brasa se intensificam, gradualmente, até se tornarem quase que ensurdecedores.

4.EXT. VILA ICATU - PRAÇA CENTRAL - ENTARDECER

Um balaio traça mapas e desenha estratégias no chão com os dedos. Outros balaios prestam atenção. Confabulam.

Azekel está afastado. Ele corta madeira.

Ubajara se afasta dos balaios silenciosamente e caminha em direção às árvores. Azekel para o seu trabalho, enxuga o suor da testa e observa os movimentos de Ubajara atentamente.

Ubajara desaparece entre as palmeiras. Azekel franze o rosto e esfrega os olhos com as mãos. Azekel se aproxima das palmeiras e não vê ninguém. Ele entra na mata.

5.EXT. RIO MUNIM - MARGEM - ANOITECER

Som das águas correntes. Ubajara, sentado à beira do rio, observa as águas. Sons de passos. Ubajara desvia o olhar do rio e fica à espreita, atento.

Azekel sai do meio das palmeiras, vê Ubajara e se aproxima. Ubajara respira aliviado.

UBAJARA

Vem aqui mais perto de mim e Y'zar, angirũ.

Azekel se senta ao lado de Ubajara e olha para o céu. Suspira. Azekel coloca uma mão na água e fecha os olhos.

AZEKEL

Oh, Calunga, seu filhinho já não aguenta mais dor, não. Leva embora essa dúvida, leva.

Preciso de resposta.

Ubajara coloca a mão nas costas de Azekel. Azekel abre os olhos e se volta para Ubajara, que retira seu COLAR do pescoço, coloca na mão de Azekel e a fecha. Ubajara segura a mão fechada de Azekel. Eles se olham.

UBAJARA

Calunga vai te trazer uma resposta como Y syryha. Agora, você só vai ter conflito que ajude nossa gente a voltar até nossas terras. Fica com o colar, ele tem que tá com você.

Azekel abaixa a cabeça. Ele afasta a mão de Ubajara, abre suas mãos e coloca o COLAR no pescoço. Azekel ergue a cabeça. Respira fundo.

AZEKEL

E só tiram de mim se eu morrer. Só morto mesmo.

6.EXT. MATA DOS COCAIS - CLAREIRA - NOITE

Antônio, sozinho, olha ao redor com uma lamparina na mão. Um grupo de SOLDADOS surge da escuridão. Eles encaram Antônio em silêncio. Antônio se aproxima.

SOLDADO 1, à frente, faz um gesto com a mão. SOLDADO 2 retira um saco de moedas do bolso e joga na direção de Antônio. O saco cai no chão. As moedas se espalham.

Antônio se abaixa e tenta recolher as moedas. Soldados riem. Ele se levanta rapidamente, envergonhado.

ANTÔNIO

Uns crioulo vão tá nos arredor de São Luís amanhã.

O FOGO da lamparina apaga.

7.EXT. SÃO LUIZ - MATA DOS COCAIS - ANOITECER

Sons de cigarras e grilos. Azekel e um grupo de quilombolas andam entre as palmeiras.

Azekel à frente. Sons interrompem. Silêncio. Azekel para e impede, com os braços, que os quilombolas continuem andando.

Soldados saem de trás das árvores, armados. Os quilombolas recuam. Eles estão em desvantagem numérica. Os soldados avançam em direção aos quilombolas e os cercam. Antônio está na emboscada e tenta se esconder atrás dos soldados. Ele falha. Azekel enxerga Antônio por cima do ombro de um soldado. Eles trocam olhares por um tempo. Antônio indiferente.

INSERT:

Curso das águas do rio.

Grito sem som de Azekel. Tiros.

8.SÉRIE DE PLANOS

a)Correnteza.

b)Mar.

c)Cachoeira.

Gritos de Azekel por Calunga. Sons de tiro.

9.EXT. VILA ICATU - ACAMPAMENTO - NOITE

Trovão. Ubajara acorda assustado. Ele senta e olha em volta. Balaios em volta da FOGUEIRA. Ubajara encara o chão. Começa a chover. Os balaios recolhem suas coisas e se escondem da água em cabanas e árvores. Ubajara permanece sentado no mesmo lugar. Antônio passa correndo, encharcado, na frente de Ubajara e se abriga debaixo de uma cabana. A chuva vira tempestade.

A FOGUEIRA apaga. Ubajara imóvel e molhado.

10. INT. CABANA - DIA

A cabana está vazia. Ubajara sentado no centro, de costas. Sozinho. Corpo completamente nu, sem pinturas e adornos. Seu tronco está inclinado para frente e seus braços para baixo. Sons de chocalho. Ele começa a levantar a postura gradativamente, coloca os braços para trás e apoia as mãos no chão. Sons cessam. Ombros abertos.

11.EXT. RIO MUNIM - MARGEM - DIA

Ubajara sentado à beira do rio. Braços e pernas arranhados, ensanguentados. Ele se inclina, pega água com as mãos e limpa o sangue do corpo. Seu reflexo no rio está turvo. Ubajara ergue a cabeça e vê um PEIXE morto, boiando. Ele se levanta e olha mais a frente. Mais PEIXES mortos ao longo do percurso do rio. Ubajara acompanha, pela margem, o rastro de PEIXES. Para. Ele avista o mar e Antônio. MARÉ VERMELHA.

Antônio está na areia, olhando o horizonte, com seu CHAPÉU na cabeça. No CHAPÉU está amarrado o COLAR com PINGENTE de ouro. A MARÉ sobe e espanta Antônio. Ubajara cai de joelhos. Olhos marejados. Ele alcança um pequeno jenipapo caído no chão e espreme o fruto com força. O resquício de água em suas mãos se mistura com o jenipapo e produz um pigmento escuro. Ubajara passa o pigmento de uma extremidade da têmpora à outra, na altura dos olhos, retirando as lágrimas. Depois, ele espalha o pigmento pelo restante do rosto, gradativamente. Sua face fica inteiramente coberta pela pintura.

UBAJARA

Na terra que você caiu, a gente vai ser feliz. Jajotopáta, Azekel!

12.EXT. VILA ICATU - PRAÇA CENTRAL - DIA

Ubajara chega com pressa. Rosto pintado.

UBAJARA

Perdemos mais dos nossos! Os seguidores do Preto Cosme, os que foram para São Luís! Eles não voltaram mais porque tão tudo morto.

Todos se aproximam para ouvir. Forma-se uma roda com alguns balaios e Ubajara ao meio. Antônio fica para trás.

BALAIOS 1

Precisamos fazer alguma coisa!

BALAIOS 2

A gente precisa é ir para Caxias bem rápido, isso sim.

BALAIOS 1

Caxias? Mas lá nós vai tá longe do Governo! Quanto mais perto, mais chance de atacar o tal coronel.

BALAIOS 3

Mais chance de ser atacado também. Corpo morto não luta. Se não lutar, não tem mais Balaiada. E

lá em Caxias tá os outros balaios. A gente se junta e fica forte!

Os balaios concordam.

BALAIOS

Rumo a Caxias!!!

Antônio escuta atentamente a discussão sem se manifestar. Discreto, ele deixa a vila.

Ubajara, em alerta com Antônio, percebe sua ação. Ele passa entre a aglomeração de balaios. Os corpos se trombam. Ubajara consegue sair da roda e se senta em uma pilha de toras de madeira. Na frente das toras há um balaios com um cachimbo e tabaco dentro. Ubajara pega os itens, coloca o tabaco dentro do cachimbo e o acende. Ele leva o cachimbo à boca. Fumaça branca, densa, espiralar, sobe e se espalha pelo ar.

13. EXT. MATA DOS COCAIS - DIA

Antônio anda entre as palmeiras. CHAPÉU na cabeça. O VENTO está forte. Ele aumenta a velocidade. Seu CHAPÉU é levado pelo vento. Antônio corre em sua direção para recuperá-lo. O CHAPÉU pousa no chão.

Folhas das árvores muito agitadas. Antônio se abaixa e retira o PINGENTE do CHAPÉU. Ele tenta voltar para seu caminho, mas seus pés estão presos no chão. Vemos que o solo o engole.

Antônio tenta se segurar nos troncos e folhas, sem sucesso. O processo acontece rapidamente. Ele se desespera e tenta sair do buraco, fincando as unhas no chão. Seus gritos são abafados pelo forte ASSOPIO do VENTO. O CHAPÉU também é absorvido. A terra chega até sua cabeça. Ele toma fôlego. Antônio é soterrado vivo.

Resta sob o solo apenas o PINGENTE.

14.EXT. VILA ICATU - PRAÇA CENTRAL - ENTARDECER

Ubajara sentado no chão com os olhos fechados. Suas mãos também estão no chão, abertas. Terra entre os dedos. O VENTO para e o tempo se restabelece. Alguns balaios se organizam, outros estão partindo. Ubajara abre os olhos e encara a câmera por um tempo. Ele se levanta, com dificuldade, ofegante, observa a Vila Icatu e caminha em direção aos balaios que deixam o local.

Som da correnteza do rio. O som se intensifica.

FIM

1º Lugar

Autoria: Carol Freire (Maria Carolina Oliva Freire Pereira)

Curso Som Imagem e Movimento — Campus Sosígenes Costa

[Houve um empate no 1º Lugar]

Memórias de uma boneca de pau: Cavala de Tróia, Éguo de Trava; Eu nunca fui ao teatro e a primeira peça que vi foi uma travaca erguer o panteon de papelon e com gotas destruir o patriarcado, travesti né, como diria Jesusa, isso aqui é teatra meu amor!

Dramaturgia de

Caz Ângela Além Alma Apolinário Arruda Rodrigues

Personagem: Electra Rex

Um grupo de atrizes interpretam a personagem simultaneamente.

Primeira Tábua

Construir o Éguo de Trava (Um equino de papelão e papel machê) Montá-lo, depois pendurar a piñata e quebrá-la, vendada. De dentro dela saem páginas.

_"Vocês deveriam ter medo da minha escrita" @tdetravesti

Ironicamente começa um parabéns

Batam palmas para as travestis que lutam para existir... Parabéns, para bens, párabens.

(Festa)

(Cantasse, XV de Marina Mathey)

Segunda Tábua

_Obrigada a casa mãe e a evangelha por me fazer electra rex mãe filha e espírita santa, dedico o que se passa, o que se vem, foi, e vai á todys nós, desatadys, desagregadys, transpassadys, furadys, futurys, perfuradys, à puta que pariu a nós. A nós!

Várias atrizes interpretam Electra Rex, caminhando pelo palco, recolhendo as páginas e lendo, depois param de ler e continuam contando as memórias.

[17/8 02:14] Electra Rex:

6 do seis de 2016

Somos iguais pois podemos nos comunicar por códigos, capacidade de racionalizar, mas também somos iguais por sentir, iguais a toda matéria que há.

homem - razões imperfeitas - conflitos homo politicus - cus / homens ser político sem ser cu, homo sem corpus

Uma rã é uma rã e não sabe que é uma rã, não sabe ser rã, só ser, ham?

Perereca

Alice in Wonderland, perereca, pinto, coelho, camundongo, rato ou lebre?

7 do seis de 2016

matemática e espaço

sempre enviar com número de matrícula e o nome como nome do documento.

Kit tesoura cola régua compasso fita crepe papel quadriculado ou milimetrado 4 folhas de papel cartão cores diferentes 3 cm cores diferentes

3 do seis de 1620

[17/8 02:16] Electra Rex:

Países em Português

Paz em português não existe

Não, existe

Linguagem e território

Guerra

Desidentidade

Faziam má língua

Línguas vivas

Línguas que matam

Vidas em português

Goa Índia poucos falantes

Portugal 10 milhões de falantes

Angola

Moçambique

Brasil

Macau, China,

uma porrada de falantes

Um amar morto de palavras

Esquecidas, saqueadas,

abusadas

Apagadas foram, descobertas afogadas

No esquecimento forçado

à sangue, à invasão

Água que não acaba, mas

Aqui em Porto português não devia falar

Seguro não devia ser,

Não devia ser

O Mar,

Mas

É Português que cis fala

Fazer o que?

Travar a palavra

Roubar a lavra

Salvar a larva

Salgar a ferida

Selar a mácula

Sarar a mágoa

Agora é

A Mar

"quanto, mais palavras conhecemos,

mais somos,

Yang e Yin,

capazes de dizer sobre

o que somos e sentimos"

Ser amado?

Ser amarga?

Saramago, sal e magia

Sinônimo, mar

Línguas molham

Encharcam papilas

Sem saber seu sabor

Seu deus

Sem navios

Apenas molham, hidratam

Preenchem mares

Transcorrem marés

Mas nelas, não dá pra mandar
Não dá pra nadar
Não dá pé
São mudas, crescem
São frutas, são pé,
E se mente não dá pé

Línguas são mãos
Línguas não andam
Línguas inundam
Vazias
Vazam
Profundas
Quase sempre descalças
Quase sempre apertadas

Os passos transbordam
As pegadas
Não marcam
Línguas são pregos na areia
Portos arruinados
Não existe cais nesse país
É só água o planeta palavra

Um mundo jarra
É a palavra
Transparentes
Sempre
Jorram significados
Mas sempre independente
De suas formas vagas
Sentidos não fazem

Já

Línguas agem

[17/8 02:16] Electra Rex:

O quanto ela pode traduzir culturas

Sobre a natureza

Electra Rex complex

[17/8 02:16] Electra Rex:

Sobrenatureza e Milagres

It's not a miracle

É tudo igual a América

Terra com nome de ladrão

Não quero apanhar mais,

tudo que quero é ser feliz com a Rosiane

Uma sorte simples - Fische tudo Fische

Diz graças à quem te maltrata

Fazer amor com quem te mata

Mas fazer por que

Porquê congela o Sol

Se na cruz não têm os

cravos Sangue escorrendo, nós espinhos

Cor de rosa

Tic-tac que antecipa a explosão

Tudo do corpo é de água

Respirando chamas

Todo corpo é terra

Lá ele

De átomos ao mol
Pau pregado na carne

Resssucitaaa VITTAR,
Pabllo Todo dia.MP3
Como, "Vai passar mal" pra 2017
Imprescindível

SóViver

Com aquilo que não é previsível,
dar umas trelas à dona Rosa,

Caçar estrelas,

Um rosto para Maomé,

Pedras à Maria,

Virgens flores à Madalena

Grávida de,

maçãs caindo e espíritos

Gravidade nenhuma aguenta isso daqui

Arremessar um buquê com uma carta,

Dizendo,

"Nós temos sempre necessidade de pertencer a alguma coisa"

Saramago é Ser a Magna Maga Magnólia

Eu disse Magnólia

Pertencer

Pode ser uma casa

Pode ser suor

Queda

Cachoeira

Duas estacas de madeira sob o peito frio
Uma noite feia e tranquila
Religião,
ou,
Fogos de artifício

Nascente,
Às vezes artificial
Buraco no céu
Caí

Uma terra é sempre uma bomba
Mina inesgotável
Booom - Xuá, xuáá, xuáá

[17/8 02:16] Electra Rex:

Tu terás por este meio toda glória tendo as três partes da filosofia universal. Não sabe o que perdeu pois você não viu não viu não viu como eu vi

[17/8 02:17] Electra Rex:

16 do seis de 2016 experiência do sensível Terra escrever escrever escrever escre ver escrever escrever escrever

[17/8 02:26] Electra Rex: campo das artes

canto

desenho

76 geometrias

tudo pintura nossa é música etnomusicologia

conhecimento das flores

escrever tecer

22 do sete de 2016

escrita não sentia nada

Musga me dividi muito
música música música me
dividir muito colorido
Divertir, vir à ti, desvestir
som as cores que falam
o segredo da gente é casa

Édipo e d i p o 31999156 49111 43 7
Carolina 31163951 4736 29 2 Kauan 21315 336 3
A planta é curiosa de luz

27 do seis de 2016
uma cultura que não permite afeto
porquê aprende? como aprende?

sucessivas aproximações do objeto – inúmeras interpretações

Investigação tematização problematização
método Paulo Freire pau lá si dó ré mi fa sol
emancipação

Leitura do mundo / essência compartilhamento e reconstrução do mundo lido
Y educadory é quem testemunha o conhecimento se aflorar no outry e sente gosto

10 do sete de 2016
Requintes de crueldade
canela
doze garotas dentro de mim.

Infelizmente é assim
o amor se corta pela raiz
todo orgasmo tem seu fim
esse não seria diferente

só porque você quis
a mar, amar, ar jamais será suficiente
caso fosse nem ar seria
Ar é ferida
flor que sangra,
murcha e nasce quando se estanca

[17/8 - 02:26] Electra Rex:

Florescendo Doçuras em Selvageria, ou, Fome na Escala de Magnitude Local, ou, Sinestesia -
Sujeito, subjetividade e intersubjetividade, ou, Hegel IV

Angústia,
não prazer,
conhecimento
Arthur causa desprazer,
Cisbeli também, ar turvos, nicotiquentos,
sismados, sísmicos, tremidos,
cis se cis e se, se cis, se
No Brasil não se tem terremoto,
se tem travesti
Cis se abalam se o olho só rela em mim,
e se o olho olha
Desabam

Aquenda a quem dá aqué,
que quer te aguar,
quedando seu bajé

Somos hieróglifos frágeis
Otávio paes, otários pais,
Pau e pedras
E várias rachas
Canoa se faz com muita guerra

Nasci cobra e vou te mostrar a paz

O dinheiro é combustível da existência,

rímel escorre,

deixa a lágrima bonita

Mas o que é existir?

Heim Zimel?

Prefiro não resistir

Dever é bem dizer

Não pagar é praguejar contra os mortos vivos

Levar ar para um continente submerso

Todas as civilizações estão perdidas

Benção mesmo é acordar,

e sair da cama cair no mar

Abraço água que renova

Sal que limpa reaviva,

a água que em mim é lava,

a alma que em mim é vida

Que benção é acordar,

sair da cama cair

Atlântica,

em níveis de,

generalização / abstração / subtração

O mundo, um só mar de palavras

Feitas para se esquecer e multiplicar

Não para dividir, classificar, contar

Letras e números não contam nada

Deus nos criou para se conhecer,

quanto mais abstrata mais elevada,

mais submersa, mais aterrada

Pura matemática celeste

Se perder é vitória
Deus sou eu
Qualquer representação é estática
E já não somos mais
Só
Estatísticas

[17/8 - 02:29] Electra Rex:

[17/8 - 02:30] Electra Rex:

Oração e Feitiço

As palavras me enganam
Queria não precisar delas,
ou quem sabe amá-las mais

Uma anja me disse,
que nunca vai ser uma mulher
de verdade, completa,
mas que também nem quer

A humanidade busca construir uma vida
e quer construir "virtualmente" o que vive,
como fomos criadas, criamos,
aceitamos encenar,
fenômenos que observamos:
representação / reprodução
Só vamos parar quando,
for possibilidade,
reproduzir uma realidade - eu

como a nossa, que seja nossa,
sem ser essa
Comer a nossa
Digerir ela
Cagar nossa vida
Produzir de novo,
e manipulá-la outra vez
Talvez seja assim toda arte ocidentalizada

É por isso que,
mesmo nunca tendo entrado num museu,
eu ousou dizer que sou muito rafaelista
Desejando me escorrer em tinta óleo
Me afogar em ofélias,
num brejo europeu fedido e qualquer

Minhas verdades são,
trágicas,
dramáticas
Bem pálidas,
bem Elena
Na gringa cheia de sonhos,
com uma câmera na mão,
e o privilégio de estar perdida
Sem saber se quer, ou, não estar viva

Querendo ser atriz, artista
Querendo ser querida
Eu também sou branca,
e não dá mais pra se compadecer

Minhas mentiras são,
drásticas
traumáticas

Nada plácidas,
bem a Ventura Profana,
A felicidade simples de um filme de sessão da tarde
A justa raiva de quem sempre foi roubada
O clamor em chamas de quem nos salva
Já que também sou filha de uma terra em brasa

Bem aventuradas sejam
As que anseiam transmutar
Toda essa desgraça que fizemos
Obrigada pelo empenho
Amaldiçoada seja qualquer resistência colonial
Arruina em mim tudo que for cis branco capital

Oh maculada e sangrenta mãezinha
Faça-me digna de lambem suas chagas
É fel minha saliva, mas é o que me resta
Só tenho esse corpo doente e mente ferida

E tudo que tenho, a vós consagro
Para que em ti não seja mais
E possa morrer em seus braços
Sem mais lhe tirar a vida

Dai-me forças
E coragem para pular
Dai forças as nossas
Que não temam matar

De pouco a pouco as danças,
de pouco a pouco as dores
Viram água,
viram memórias

Eu as roubo de um filme
Pra reescrever nossa estória
Uma dancinha da pequena sereia,
outra com a Lua
Serei a só
Mas há penas piores
Réu privilegiada
Apenas mais
Algum alívio
Nas largas brechas da poesia
Travessas cruéis, sagradas travessias
Meu mundo inteiro é

O objetivo final é
ser como a água
Fluir, endurecer, pingar, evaporar
Sulcar a terra, esculpir o tempo
Represar as peles, transformar em energia
Hidrelétricas naturais, corpos à transbordar

Que assim seja
Sejamos a gota
Sejamos trava
Olhar pra uma pessoa grávida
E poder dizer,
sem ser mal interpretada
Que cis não seja
Amém

[17/8 02:32] Electra Rex:

Dominar

do me now

[17/8 - 02:34] Electra Rex:

Floresta também é som, mar também, és um pássaro

Homo Madidus

O peixe da floresta procura ar nas matas

Não encontra razão

A vida humana o mata.

22 do sete de 2016

campo das artes

desdenhar o som das palavras

Desenhar pontos de luz, cus, pintas de letras e ler mais trans

Cinareiadearaujo@gmail.com

caderno para o deleite

dá à escrita

Como quem dá o cu

acha essa Ilha

Acha morte lá

Bergman

sobrenatureza

vários desenhos da minha palavra

Só pintores têm medo da noite

Pintoras, pinturas de pintos, rãs

O homem que te assedia

A sede que nunca termina

A velha que vai dizer oi e cospe os dentes e os olhos na sua cara

Já não te assustam, nem assutam suas tintas, a noite divide a cama e o breu comigo

É gata que fala
Humana que mia

[17/8 - 02:37] Electra Rex:
O olho é uma maldição

Diz que não quis
Que não te viu
Depois que te engana
Vê que não fez a luz
Ela já estava aqui
Cavando mentiras
Cegando nossas retinas

Deus é sábado
Açai
Deus é ação
Fé não é
Não fazer nada
Crer é uma praga
A vida é difícil
Você acredita que faz o que dá,
mas só entende o que consegue enxergar

Não confie numa parte do seu corpo
Confie onde você não consegue pegar

A paisagem é uma invenção,
a partir da perspectiva
Fundando um novo regime óptico
Ético, era estética, agora erótica
É uma construção mental

É a invenção de uma técnica do olhar
Orgânica tecnologia do controlar
Pode não ser verdade,
foi alguém branco que disse isso

Mas visões partem de dentro
Não tem como negar
Você, tem?
Você,
você sabe o que existe dentro do olhar?
E se você não puder se ver?
Não pudesse ver?
É ausência de ver
A cegueira,
Ou outra forma de olhar?

E sobre ser a outra
E a cegueira de amar
Quando eu fecho os olhos te vejo

E não há nada que possa mudar

O fato de que é só uma ilusão
Querer te ter e não poder te tocar

Há fogo em você
Imenso prazer,
companhia da dor.
Centauro, quero cavalgar

Me afogo em você
Querendo queimar
minhas córneas e retinas

Que me fizeram te amar
Quando vi o cheiro

Da sua pele fria sobre minhas costas
E senti a cor do suor que jorrava de nós,
ouvi a voz dela te esperando em casa.
Chorei nosso gozo ao te amar
Sonhando com nossos uivos na cama
Agora prefiro ter uma pedra no peito
Duas pedras no lugar dos olhos
Preferiria ser toda de pedra
Já que não posso ser sua

[17/8 - 22:51] Electra Rex:

Cômodo vazio cheio copo água ar espaço estrela lua mapa Vênus sexo ela vesti tira roupa
casa saudade presença falta aula lista chamada universidade cômodo câncer casa astral arte
vazio cheio vaga larga enorme grande gigante menor Davi Michelangelo capela quadro
estátua gesso madeira pau pinto pênis falo escuto digo sujo limpo casa

[17/8 - 02:38] Electra Rex:

Silêncio sozinha criança silêncio cinza móveis sala vazios poeiras saudade chão comida
cômodos comédia sala sofá criança dormia

[17/8 - 02:41] Electra Rex:

Nasceu Rodriguinho, mi sobrinhe, leoa no deserto na minha vida irmã meu deserto Tocantins
sereias do deserto sereias sereias hiper surreal hiper real hiper realismo
a Lana del Rey, quando era eu, foi uma adolescente sozinha que sonhava em se prostituir
enquanto nadava na piscininha de plástico da Maria Eduarda
Família, eu queimei os meus olhos fumando um baseado escondida, minhas retinas chapadas
formaram minha visão, visões gongaram humores, tumores vítreos, líquidos, flamejantes,
transparentes
Eu vi que todos os meus parentes eram cis, esses
que nunca queimaram suas pupilas

[17/8 - 02:47] Electra Rex:

14 do cinco de 2016

não sei bem o que está acontecendo, me mudei para Porto Seguro há alguns dias e já arrumei uma tretinha básica.

Problemas de viado, um viado alfa, Ivan, que agora divide casa comigo em uma semana conseguiu criar uma repulsa quase patológica à minha pessoa. Exige que eu abandone a casa até no máximo no próximo dia 5, o que não vai acontecer. Estou pronta para abrir mão do meu chá, agora minha prioridade é mais do que nunca minha arte, meu corpo e meu crescimento pessoal. Sei que a planta há muito tempo vem me ajudando pela minha jornada, mas agora é tempo de lutar pela vida que planejei para mim nos últimos meses. Preciso de muita calma e escuridão neste momento. Pensar tudo o que for dizer e tentar encontrar o melhor caminho para todos, tendo em mente meus anseios, mas também sempre me lembrando dos outros que agora me acompanham aqui em nosso chalé e têm o direito de reivindicar minha estadia aqui. Não preciso apenas aceitar ordens como também não posso impor nada. Cometi erros e espero realmente não cometê-los novamente. Estou disposta a fazer tudo aqui funcionar e a me moldar como for preciso, sempre é cism sem preciso existem coisas mais importantes na vida do que nossos problemas nossos orgulhos e nossos sentimentos?

Refletindo um pouco, decidi que não devo desistir tão fácil de meu mezanino. De meu chalé das plantas que já amo da Chiquinha e da esfomeada Lola, da dona Lúcia, chata racista e nem da dona Teresa tão louca que nem eu. Muito menos da Carol que me intriga e também admiro. Vejo muito nela para aprender. Gostei muito da energia simples e plena de convicção que ela emana, sorry mas não vou desistir tão fácil do mar que agora está tão perto de mim.

[17/8 - 02:48] Electra Rex: 12 - 6

3,75

10

3'75+3,75

12+8

[17/8 - 02:49] Electra Rex: Brigadeiro

[17/8 02:53] Electra Rex:

Present unperfect

Duration from the past until now

Com os verbos não contínuos e uso não contínuo de verbos mistos usamos o present perfect para relatar algo que aconteceu e que começou no passado mas que se desdobra até agora, for five seconds, since Sunday, until we were born são expressões de tempo que podem aqui ser

Aquecer empregadas

I have had a cold for 23 years

Mary has loved since she was

little He was she since ever

PS mesmo que este uso se limite a verbos, não continuamos o uso não contínuo de verbos mistos. As palavras live, work, teach, and study, às vezes, são usadas desta forma, mesmo não se encaixando nos verbos não contínuos

[17/8 - 02:54] Electra Rex: metacognição para além do conhecimento

Conhecimento do próprio conhecimento planejamento avaliação e regulação dos próprios processos cognitivos de modo a estimular a metacognição.

Multiplicar as situações abertas de investigação, mediar, possibilitar que reflitam sobre as próprias operações cognitivas.

Não se pensam mais estratégias para facilitar o conhecimento.

[17/8 - 02:55] Electra Rex:

Todo orgasmo tem seu fim

[17/8 - 02:59] Electra Rex:

Cadernos do Mar

22 de maio

Tem sido maravilhoso poder todos os dias cair diretamente da cama para os braços do mar em um abraço que me renova e me enche de coragem. Aqui na Bahia é tudo muito diferente e nada vem sendo fácil, mas quando mergulho naquelas águas abençoadas pela manhã quase me esqueço de como é um problema. A vida.

Creio que aqui poderei crescer como nunca pude antes, longe de todos que sempre estiveram ali por mim. É realmente muito estranha a saudade, entendo os que falam inglês por não a nomear. Decerto ainda nem consigo dizer como é o sentimento que hoje trago sobre os que amo e não estão ao meu lado. Com certeza não sinto falta deles. Não é ausência o que preenche meu peito. É na verdade uma presença muito plena, pura, quando não estamos ao lado de nossos entes queridos. É que

realmente podemos notar o quanto fazem parte de nós: Luciane hellyana Ícaro Ananda
Jacqueline Maria Eduarda tayene Eduardo.

[17/8 - 03:00] Electra Rex:

Câncer 6 do 6 2006 hoje foi a primeira aula de fato. Semana passada foram apenas decepções por ainda estar repleto de frustrações em relação à universidade Interior ao meu eu anterior. Eu não estou repleto de mim mesma, eu tô vazia.

[17/8 - 03:02] Electra Rex:

Gostei do professor, muito esperto, embasado, tem uma didática sedutora e aparenta saber o que está fazendo dentro de sala, porém é bem pretensioso e convencido. Ele sabe disso e tenta usar isso ao seu favor, como faz com tudo ao seu redor. Mesmo assim deslizou feio tentando inserir Lewis carroll em seu discurso falando de Alice para tentar justificar que a razão é o que nos separa dos outros animais, enfim tenho agora um fichamento para fazer.

[17/8 - 03:06] Electra Rex:

Carolina dorme mais uma vez aqui, agora e aqui, agora que fui expulsa de nós, da nossa casa. Outra vez ela dormiu enquanto conversávamos. Fico em paz vendo ela dormir. Carolina me acalma. Fora que, sem ela por aqui, eu estaria sozinha e talvez até com fome. Se desde que cheguei, o mal vem investindo em me ensinar pela dor, o amor a colocou em minha vida. Carolina é minha ajuda. Vem mostrando ser uma amiga preciosa. Espero que dê tudo certo para voltarmos a morar juntas. É estranho voltar a escrever assim, ainda mais agora que aos cristais não tenho mais unhas. Nenhum medo tão grande em me ver nua. Não sei mais o que sou, ao menos já não sou mais

Dor

sou eu sou eu sou eu sou eu sou eu sou eu dancei de felicidade hoje ao lembrar que tinha aula e outra vez fui pegar o bus. Como é bom ser leve, feliz. Carolina tá roncando e eu acho que também já vou começar meu recital. Como disse, é estranho escrever aqui mas quero o hábito e pretendo escrever diariamente e livre livre livre livre

livre

[17/8 - 03:08] Electra Rex:

Mandei morning rain down

Monday morning _ raining dawn

Evanescence e Joy division quão piegas dá para ser quando se está sozinha no frio?

Raspei novamente meus cabelos

Não sei se foi o melhor momento, pois o frio por aqui aumenta cada dia mais e eu ouvi dizer que ele costuma se estender até agosto.

Claro que eu não trouxe roupa de frio

Mas também no paraíso eu não precisava de nada nada mais do que uma ou duas folhas da árvore do conhecimento.

Lá eu só precisava tapar minhas vergonhas

Não tinha mar, eu tinha medo

Mas agora não tenho mais cais

Sou

Morada no Porto

Me fiz, segura

Minha própria Porto

[17/8 - 03:08] Electra Rex:

Too high too writte

[17/8 - 03:09] Electra Rex:

Novamente tem sido difícil me encarar na frente de um espelho

Sinto queimando o canto do olho

Não gosto do que sou. Preciso mudar, sinto vontade de criar, mas não acredito em nada que eu tenha para dizer nem mesmo escrever aqui. O que era para ser algo relaxante e descontraído tem sido uma tarefa fácil. Preciso agir. Pare de reclamar!

[17/8 - 03:10] Electra Rex:

Extrato maio Abril março banco compra matrícula histórico escrita carteira de trabalho foto 3 por 4 comprovante de residência não posso perder o auxílio

[17/8 - 03:10] Electra Rex:

Josefina a cantora; Kafka

[17/8 - 03:12] Electra Rex:

Correntes argumentações próximas termos conceitos desconhecidos definição
de estudos pós-coloniais

Felicitação de termos afins

Diferenciação de lógica binária diaspórica efeitos secundários da colonização

Terra firme

A chamada não foi com meu nome

objetivos críticas nomes pós-coloniais posição de Stuart hall

relação corredor correlativo correr da dor não é relato mais

pós-colonial e culturalismo

características do capitalismo e seus sinônimos

[17/8 - 03:13] Electra Rex:

Frango ovo limão existem no mundo. Mais frangos do que ovos, do que limão, do
que eu, do que você, do que gente mais que girafa do que galinha do que o ovo
de limão, só não existe mais do que isso, frango

[17/8 - 03:14] Electra Rex:

Surprisingly bloom in eternity

Miraculu 1

[17/8 - 03:16] Electra Rex:

Absorta nos mais múltiplos pensamentos outro amanhecer a repetição das
revelações da vida só é possível no amanhecer e é necessária para a fossilização
do pensamento para que deixem de ser pensamentos. tornem-se virtudes em
verdade sei que é a prática que realmente
engrandece a gente que nos aproxima da divina, a prática da empatia, da beleza,
da justiça e do amor. Seria mesmo tudo, o amor? E nossas vidas aqui, apenas
uma chance de compreender o que nos fez, querer enxergar as raízes quando
ainda nem lhe toca aos ramos, as brisas

[17/8 - 03:16] Electra Rex:

As palavras me enganam

queria não precisar delas

ou quem sabe amá-las mais

[17/8 - 03:19] Electra Rex:

Angústia angústia temo estar perdendo minha oportunidade cada vez mais mais bagunçada já
não sei mais o que sou por dentro e não consigo pisar no chão do meu quarto.

Estou tão perdida que quase não encontro as palavras acostumada
a viver com forma confirmada, confinada, conformada

Tudo está fora do lugar hoje

percebo isso mas ainda não consigo transformar o que sinto

todas as minhas roupas espalhadas

a poeira que se acumula por cima de mim os ponteiros

continuam correndo

eu continuo acordada?

Mas como que imóvel

Vendo a vida por meus olhos, sem conseguir erguer as mãos para tocá-la

Mas hoje a urso veio de novo nos visitar e quando eu a levei no portão demorei

para dizer goodbye

[17/8 - 03:19] Electra Rex:

Não sei se o que me falta é sono ou coragem para dormir

[17/8 - 03:20] Electra Rex:

Cinto nas pernas, sinto ao correr do dia dói, estrala, arde, cinto apertada que sou muitas

pessoas, olho para as escolhas que fiz e não sei o que me fez tomá-las

Sei que agora preciso dormir e não preciso me preocupar

Devo dormir porque é tarde

[17/8 - 03:21] Electra Rex:

A segunda não gritou, ao contrário, veio mansa e cheia de acalanto

Cantando baixinho no meu ouvido sua canção de ninar

Uma orquestra de pingos de chuva olhando meus cabelos caindo

Sobre meu telhado a brisa sopra as folhas da goiabeira

Morfeu me levando para o seu lado

[17/8 - 03:21] Electra Rex: 4:38 acordei muito tarde e não consegui dormir em meu quarto
Provavelmente por culpa da bagunça que os anjos fizeram por lá
Ainda continuo buscando um ânimo para voar

[17/8 - 03:23] Electra Rex: 1 dia

Dois domingo 3 semana quatro mês de dezembro 5 com licença 6 desculpa 7 boa
noite 8 tudo bem 9 conhecer mês 10 11 banana 12 seu sua 13 junho 14 de
setembro 15 janeiro 16 julho 17 triste

[17/8 03:23] Electra Rex:

Consciência o ano todo

[17/8 - 03:24] Electra Rex:

Fingidor fingir dor trans fingidor trans ferir transferidor a transfingidora

[17/8 - 03:26] Electra Rex:

A partida partir mar cemitério caminhada deriva

[17/8 - 03:26] Electra Rex:

Periferia da escrita

[17/8 - 03:26] Electra Rex:

Uma anja me disse que nunca vai ser uma mulher de verdade, completa, mas que também
nem quer

[17/8 03:27] Electra Rex:

Segundo parto retorna a mim as dores do umbigo

Não pertencço mais ao familiar útero

enfim viva

[17/8 - 03:28] Electra Rex:

Não sou mais Édipo

[17/8 - 03:30] Electra Rex:

Sábado de aleluia

As coisas não se fazem no sábado de aleluia

Eu vou ter que mudar

Meu vizinho tava varrendo debaixo da janela

Eu continuo dançando

Voando cada vez mais sem saber se sou mesmo a Sol ou

As gotas de cera pingando na água enfim nem parece que Ele morreu

mudança da Alameda das jaqueiras residencial Marlim para a praça do dendê casa Verde rosa ontem
foi o dia agora serei silêncio por mais 20 dias

todos anos

[17/8 - 03:32] Electra Rex:

Nada lá

não tem nada lá

pode olhar nada lá nada nada nada vai vai nada molhada de prazer dor frio calor

eu não sei o que eu sinto eu não sei o que eu faço não sou eu quem falo não sou

eu eu não eu sei quem sou só sei ser quem sei e eu eu me sou só só toda só só

só só não sei o que eu sinto só só não sei o que eu faço e na lagoa da minha frente

no espelho navalha no brilho do dente securo nada lá ninguém eu não sei nadar o

jeito é transbordar

[17/8 - 03:34] Electra Rex:

Imenso prazer que vem acompanhado da dor

Me afogo em vc

há fogo em você

Sou queima, dura pra sempre

dura até o fim

[17/8 - 03:34] Electra Rex:

Em Ofélias

[17/8 - 03:35] Electra Rex:

Sou muito Rafaelista trágica dramática bem gospel bem trava Ventura profana
pastora delas dai-me forças daí forças das nossas Deise dê força aventura jornadas de fé
restituição y vitória

[17/8 - 03:36] Electra Rex:

De pouco a pouco as danças de pouco a pouco as dores viram água viram memórias dancinha
pequena sereia serei só algum alívio nas pequenas brechas da poesia.

[17/8 - 03:36] Electra Rex:

O objetivo final é ser como a água

[17/8 - 03:36] Electra Rex:

Sejamos a gota

[17/8 - 03:36] Electra Rex:

Sejamos trava

[17/8 - 03:38] Electra Rex:

Dinâmica do abraço abraçada pelo Horizonte de uma ilha que nem o tucum te
derrube eu vim de lá doces lembranças trago de lá o som da bicicleta anunciava o
meu protetor
fixa na emoção

[17/8 - 03:39] Electra Rex:

Percebo que não é placebo

Andorinha andava e ria onde o vento não quis me levar assombradora
Sombra assombra a sombra adora uma foto de pessoas minhas uma foto de
desconhecidas

[17/8 - 03:39] Electra Rex:

Cultura de onde vem as artes das cascas

[17/8 - 03:39] Electra Rex:

O que eu faço é arte?

[17/8 - 03:39] Electra Rex:

Artes das elétricas?

[17/8 - 03:40] Electra Rex:

Artes da presença corpo sem órgãos sete artes da presença notar quando torço o
pescoço rinite Frederick Nietzsche rinite é preciso ter o caos dentro de si para
gerar uma estrela dançante

[17/8 - 03:41] Electra Rex:

techniques techtechtech tech tech

[17/8 - 03:46] Electra Rex:

Barulhinho do subjétil

O corpo é uma multidão excitada

Legião de demônios

Na tentativa da arte,

parti meu corpo

Pra ti

Pra eu

Cuspir navalhas,

mas não cair

De boca no anzol,

só que não consegui

A pele não aparecia só o elástico

Eu estática televisão velha que chia,

ligada na tela estatística,
eu, no chão,
eu sem calcinha,
você de jeans em cima
não sou sua, estou,
nua em dados que denunciam
Eu queria saber e sabia,
coisas que não ensinam
Me aprendi sozinha, sem T (i) V
(er) Na atração do vidro,
Sony, Sharp, ou, Philips,
o sangue escorre igualzinho

Me pergunto agora desses novos monitores
Será que o plasma está vivo?
O pelo arrepia, ereto,
e sua mão ainda só por perto,
imagina se chega
sim,
ver na telinha alisando o vidro,
sua mão ainda, só por perto,
imagina
se chega sua mão, ainda
só por perto alisando o vidro

Eletricidade e carne
Como se existisse,
novela de Walt Whitman

Limítrofe energia feitiço mentira
Saudade de ser de alguém
8 palavras que eu quero
Relacionar no campo amplo
da escrita-morte-vida
Sem pátria nem língua

Minha matéria é mátria

Canto da parede som concreto

E esmago

Testículos femininos

Música dura, penetrante delírio

Mistura de morfina e areia para dar liga,
canções de ironia e climeni, de morte e de vida

Endereçar à: Casa 100 corpo, música com
propósito, esquina poesia sem sentido

Nem direção, falando de romance

Serei a caos,

cabelos e escamas

Morada no mar, sem cais

A rex é uma casa por isso que é ela,

senão seria só mais um casinho.

[17/8 - 03:55] Electra Rex:

Marcar a corpa com fogo aceso de acesso de luz e água e conta e mata que
ladra estraçalha mata rata rara traga rasga rasa profunda Jesus na cruz filme e
televisão sem pensar escrever fluir fruir fuder a corpa na escrita escrito ouça não pense
escreva frestas fé trans festas freáticas fendas feridas feias feitas feito feitiço
feminino feminil fértil fé fiel fino fina fio fia ia vinha vinho ninho ninguém nenhuma
fresta vão buraco fendas aberturas feixes entre limites contornos portas partes
abertas bocas vaginas cus almas vazias rachas rachaduras rachadinha abertinho
rasgado corte facada furada penetração entradas
saídas frestas feridas abertas fechadas fachadas marquise marquesa conde fruto
proibido pecado pedaço parte ida volta redonda quadrada cabeça fechada cabeça
aberta virgem, cabaça estourada, cuia

[17/8 03:56] Electra Rex:

Muito enche o saco em algumas coisas muito muito enche o saco em algumas
coisas muito muito enche o saco em algumas coisas muito muito enche o saco em algumas coisas

muito enche o saco em algumas coisas muito muito enche o saco em algumas coisas muito muito
enche o saco em algumas coisas muito muito enche o saco
em algumas coisas muito muito enche o saco em algumas coisas muito muito enche o saco em
algumas coisas muito muito enche o saco em algumas coisas muito muito enche o saco em
algumas coisas muito muito enche o saco hein algumas

[17/8 - 03:56] Electra Rex:

Todas as cadeiras do auditório a todas as travestis da Brasil

[17/8 - 04:05] Electra Rex:

Homens túmulo história deles credos em poesia credo pedido por algo velhos e
lápiz qualquer coisa que um homem escreve é poesia precisa se ser pobre para ser
poeta mas tem que saber o nome de um monte de gente cis sacrifício faz do
homem poeta qualquer coisa que o poeta escreve é homem qualquer homem que
poesia é escreve qualquer

poesia que escreve é poeta qualquer homem que escreve é poeta mas tem que
convencer para ser escritor para ser poeta tem que saber o que você quer da
escrita tem que saber transcender descer tecer sem ser trans lúcida sacrificio cis
sacrifício cis sacrificio cis sacrificio cis sacrificis

Coração pele medo que escreve veias e vermelho cabelo de pelo e pele de
órgão casas bairros e o corpo atravessa o olhar rua e luar escuridão peito só
vazia imensa imensidão era um lugar de pensar como ficou era é perto 10 nus
mínimo

000 1000 100 100 100 100 0101010101010101 100 100 100 100 100 100 11110 100000

100 10010110 100 100 100 100000 100 100 1100 1011111 11100 100 1010 100
10110 100

100 100 10100 1 100 100 100 0100101000011010 rosa azul floresce turquesa
topázio Jade ver ver de perto sem medo ir a lilás laranja plástico e comida azul
azul banana tinta mancha sangue gozo leite mel trans parente trans fere trans
visível Rosa luz amarga

início

[17/8 04:07] Electra Rex:

Respeite a mistério você não é a voz na sua cabeça é você quem escuta ela tá tudo bem não entender tudo não é preciso acreditar não creia não queira em seus pensamentos conhecer o que é importante verdade diz traição e transfere a fé vem ser perder sentir Júpiter lembra quando a gente era peixe?

[17/8 - 04:17] Electra Rex:

Uma doença é o nome da minha mãe

Mas amada, a mais amada! Eu menor ela é norm, enorme, eu era ela, agora cada vez menor.

Enorme ela cada vez mais. Eu tava lá dentro ela fora, agora tô fora, dentro-fora. Eu não via vc, nada, nadava, só via ela. Eu tava branquinha ela toda vermelha, eu em silêncio chorei, ela bufando, silenciou. Rasgo, fenda, racha, dura-mole. Aberta, muito viva, eu ali tava linda; um frio me pegou, entrou ar na cabeça, nos peitos, plástico, placenta, senti, sem mais sentir ela, senti eu, sem ti, eu. Mas eu já era ela, senti ela, virei a gente, A, virei nós. Me tira minha mentira, nossa história. Levanta a cabeça pra não cair, cómodas suecas podem matar. marca de estante, de peso, amada retórica capital. Gênero imposto é mais uma forma de vender, de marca, de marcar.

Eu nasci com ela! Ela cantando, we are the champions my friend, mesmo assim ela não me deu o nome de Vitória. Ela preferiu pensar, era muito óbvio que eu era de quem, The Queen, quem não, qualquer uma, mas a como ela era a minha, minha rainha.

Na verdade fui eu que nasci cantando, cantei e contei e assim já era nós, de novo seu suspiro virou meu choro, harmonia e melodia a gente voltou a cantar juntas, a música era meu rasgo, minha racha e sua ferida-filha, da mãe.

Nenhuma dessas músicas vai me dar um abraço! Nenhum teatro vai-me em cena, ser eu. Nenhum cinema vai ser cis, nunca mais! É João, é Joana? Ações negativas de transa fake, teste falha, nem filho, nem filha. Mancha é fraude!

E pior que é tão bonita a letra "J", num tem como ser cis, tem que ser lê trans, inclusive, leia, seja! Mas não fode com nossas políticas públicas. Quanto nomear até adoecer, quanto de veneno até curar? Resistência e violência contagotas, quando que transborda?

Esgotamento

esgotar ex gota Ângela
quem é Ângela? quem é Joana? Quem é Luana? quem é Medeia? Quem tem
medo delas? como construir
ir no que se morre
No que se nasce
como alcançar o silêncio?

[17/8 - 04:24] Electra Rex:

Minha corpa quer escrever não sei se é por conta da nova hormonização a climeni
tá limpando minha pele não sei se é a calcinha verde limão não sei se sou eu ou se
é ela a nossa que vem muito antes de nós, a moça, ela, nós, mas sei que deu
vontade de me mexer. a travesti escreve nas ruas quando caminha
no corpo anda enquanto o que resta de corpo
vai indo embora nunca jamais fique sozinha de
olhos fechados passei a enxergar e hoje num banho

Molhada, no breu no escuro

percebi que não consigo ver meu corpo inteiro sem logo em seguida sentir
muitas dores se olho meu seio esquerdo logo meus ombros largos se travam o
pescoço enrijece tento respirar na tentativa de continuar a olhar a barriga fica
mole agulhas começam a penetrar
minha coluna me falta o ar tenho que correr para o quarto e trago comigo os ramos
de aroeira e as gotas travadas em mim

O mundo quer guerra comigo

O mundo quer trava o mundo quer travar guerra comigo o comigo quer mundo
guerra travar o guerra quer trava mundo comigo dívida "de vida de fogo trava de
guerra ela vem para

Terra ela vem para guerrear" profana Ventura

[17/8 - 04:25] Electra Rex:

Temo por temer temo por não ter e perder a vista do mundo como a tenho como o
que tenho como tudo o que tenho como tudo mesmo que eu seja nada e que tudo
que eu coma nada também se torne mas agora tudo se transtorna

[17/8 04:26] Electra Rex:

Sem você com certeza acabarei me perdendo em mim afogada no meu próprio copo na minha própria corpa que quando vazia vai me levar junta para algum lugar que eu ainda desconheço mas sei que lá estarei mais vazia e menos opaca translúcida na sombra de um amor amargo sem nada que me traga de novo perdida estarei achada por eu mesma em um lugar molhada sem você ficarei

[17/8 - 04:28] Electra Rex:

Amo a maneira que
somos amo os
rugidos que migram
que minguam
amo minhas feridas que brilham
por que não se pode estancar o que sangra da alma
Não tem fim o que sacra Electra Rex

Terceira Tábua

Uma cama de casal no palco, deitados o pai e a mãe. As várias atrizes que interpretam Electra Rex atacam a cama e assassinam os próprios pais. Sangue jorra da cama. Electra Rex transa consigo mesma. Fumaça cobre o palco. Uma parede de chamas divide a cena do público.

Fim

Autoria: Caz Ângela Além Alma Apolinário Arruda Rodrigues

Curso Bacharelado Interdisciplinar em Artes e suas Tecnologias - Campus Sosígenes Costa

[Houve um empate no 1º Lugar]

Trabalho selecionado

EXT. CAMPUS DA UNIVERSIDADE - DIA

É um dia ensolarado de um típico verão tropical. Após pandemia. Na entrada do campus da universidade, TAINÁ, 18 anos, preta, tranças nagô ao ombro, óculos no rosto sem máscara, olha em direção aos prédios. Alunos a sua volta entrando. Tainá caminha em direção aos prédios.

TAINÁ (Voz em off)

Enfim, chegou o dia de conhecer a universidade. Esperei tanto por esse momento, quantas novidades pode ter. Amigos que só conhecia à distância.

Uma voz distante chama Tainá algumas vezes. Tainá continua a andar, distraída em seus pensamentos.

FELIPE

Tainá!!

Tainá olha para trás procurando. Felipe, 19 anos, pardo.

TAINÁ

Felipe!!

Eles se abraçam.

FELIPE

Finalmente a gente se encontrou. Olha, eu tenho que te mostrar o campus. Você já viu...

Andando enquanto conversam.

EXT. CORREDOR DA UNIVERSIDADE - DIA

Tainá e Felipe dão risadas no corredor da universidade. O professor entra na sala. Tainá e Felipe colocam a máscara e entram junto com outros alunos. A sala tem algumas carteiras vazias e algumas mais próximas. Tainá com os óculos, olha o quadro e faz anotações. Enquanto anota, alguém a chama.

ALUNO 1

Oi! esqueci a minha borracha, você me empresta a sua?

Tainá olha para o aluno e seu óculos embaça com a máscara. Entrega a borracha tentando identificá-lo.

Felipe ao lado a cutuca com o lápis.

FELIPE

Um gatinho, hein.

Tainá olha para o aluno sentado à sua frente, forçando a visão. O óculos embaça. Tira os óculos mas não enxerga bem o aluno.

A aula termina, alguns alunos começam a sair. O professor fala ao centro da sala.

PROFESSOR

Pessoal, na próxima aula vocês farão uma apresentação sobre a aula de hoje. Não esqueçam. A excursão ao parque ambiental pode ajudar na apresentação. Estão liberados.

Felipe e Tainá saem juntos.

EXT. CAMPUS DA UNIVERSIDADE - PONTO DO ÔNIBUS - ENTARDECER

Tainá e Felipe caminham para fora do campus. Estão sem máscara.

TAINÁ

Felipe, vamos andar de bike amanhã?

FELIPE

Show!! Só preciso arrumar a corrente.

TAINÁ

Ah não!

FELIPE

Mas isso é fácil.

TAINÁ

Não, não é isso. Amanhã é meu dia de ficar na peixaria da minha mãe.

FELIPE

Tranquilo. A gente vai outro dia. O que achou do primeiro dia de volta à universidade?

TAINÁ

Amei. Aprendo bem mais na sala, sabe. E foi muito bom não ver só janelas no meet.

Riem alto. Pessoas no ponto de ônibus olham para eles.

TAINÁ

Meu ônibus chegou. A gente se vê.

FELIPE

Foi bom te ver, Tainá

Tainá e Felipe se despedem, Tainá coloca a máscara e entra no ônibus.

EXT. PEIXARIA - DIA

Peixaria com porta aberta para a rua. Balcão com peixes organizados em espécies por entre o gelo. Uma bicicleta para em frente à peixaria. Campainha de bicicleta toca algumas vezes.

TAINÁ

Felipe!!

FELIPE

Tainá!!

Tainá sai de trás do balcão e se aproxima de Felipe.

TAINÁ

Você encontrou mesmo a peixaria.

FELIPE

É claro, espero que não tenha problema ter te perguntado o endereço no grupo do whatsapp.

TAINÁ

Sem problema.

FELIPE

Esse trabalho em grupo vai ser moleza. Ah, você viu quem tá no nosso grupo?

TAINÁ

Ainda não tive tempo. Meus pais estão na pesca.

FELIPE

O gatinho que te pediu emprestado a borracha.

TAINÁ

Não me lembro.

FELIPE

Ele já fez a maior parte do trabalho.

Sabe demais da matéria, viu. E eu senti um clima entre vocês, hein.

Felipe desce da bicicleta e entra na peixaria.

INT. PEIXARIA - ENTARDECER

TAINÁ

Eu não senti nada.

Felipe coloca uma sacola plástica em cada mão.

FELIPE

Ah, eu tava do lado e senti.

Pega dois peixes e encosta as bocas dos peixes olhando para Taina. Faz sons com a boca. Tainá pega os peixes de Felipe. Uma cliente olha estranho para eles, demonstra raiva e sai da peixaria. Eles se olham e começam a rir.

TAINÁ

Hoje à noite eu tenho capoeira. Pela primeira vez, vamos abrir para o público e sem máscara. Você quer ir?

Felipe olha para o relógio assustado. Tira as sacolas plásticas da mão.

FELIPE

Nossa, minha mãe vai me matar. Claro! Vou estar lá.

EXT. QUADRA DA CAPOEIRA - NOITE

MESTRE DE CAPOEIRA

Como é bom ver todos depois de tanto tempo, e sem máscara.

Todos riem.

MESTRE DE CAPOEIRA

(CONT.)

Bem-vindos a primeira roda de capoeira aberta ao público.

Começam a jogar. Tainá com outros colegas jogam capoeira. Felipe em meio ao público assiste. Batem palmas. Mestre de capoeira chama o público para participar. Tainá chama Felipe para jogar. Jogam junto com o público.

EXT. RUA - NOITE

Voltando para casa, Tainá e Felipe conversam.

FELIPE

Eu não sabia que eu era tão bom assim na capoeira. Queria mesmo era andar de cabeça pra baixo só com as mãos.

TAINÁ

Ah, você foi bem.

Felipe a abraça.

FELIPE

Gostou de ter visto o gatinho lá?

TAINÁ

Quem?

FELIPE

O aluno que te pediu a borracha.

TAINÁ

Ele tava lá?

FELIPE

Eu o chamei, mas ele não pode ficar até o fim. Pensei que você tinha visto.

TAINÁ

Não.

FELIPE

Mas você o verá na apresentação do nosso trabalho. Nós vamos apresentar juntos.

TAINÁ

Vamos na excursão ao parque ambiental amanhã? Pode ajudar na pesquisa. Está quase completo, né?

FELIPE

Tá quase e vai ser legal a pesquisa. Você pode aproveitar pra conversar com ele.

Telefone de Felipe toca.

FELIPE

Olha, é ele.

Felipe mostra o celular para Tainá.

ALUNO 1

Oi, Felipe. Não pude ficar até o final.
Moro longe. Fala para a Tainá que ela joga muito.

Tainá fala baixo para Felipe.

TAINÁ

Ele mora onde?

ALUNO 1

Não entendi.

FELIPE

A Tainá perguntou se você vai na excursão amanhã?

Tainá olha para Felipe. A ligação começa a picotar e falhar.

ALUNO 1

Vou... se posso... amanhã né?...

FELIPE

Não entendi. A ligação tá falhando.

Ligação cai. Felipe guarda o celular.

FELIPE

A ligação caiu. Viu, ele te elogiou.

TAINÁ

Foi só um elogio, Felipe.

EXT. PARQUE AMBIENTAL - ENTRADA - DIA

Alunos saem do ônibus da excursão com máscara. Tainá e Felipe saem. Professores conversam com os alunos ao fundo.

FELIPE

Parece que o gatinho não veio.

TAINÁ

Parece que não. É difícil reconhecer com todo mundo de máscara.

Felipe concorda com a cabeça e tira a máscara.

FELIPE

Esse lugar é lindo, Tainá. Sente o ar daqui.

Tainá tira a máscara.

TAINÁ

Refrescante.

A Guia do parque recebe os alunos.

GUIA

Bem-vindos, vamos visitar hoje o parque ambiental, conhecer algumas das espécies nativas e a parte do parque de ecoturismo. Sigam-me.

Tainá olha um folheto do parque.

TAINÁ

Vamos na tirolesa, Felipe.

Felipe ri.

FELIPE

Eu gosto do chão.

A Guia leva o grupo.

GUIA

O parque ambiental tem muitas espécies nativas, preservadas graças à reserva indígena vizinha ao parque. Desse lado vocês podem ver a...

FELIPE

Tainá, vamos? O grupo tá andando.

Taina olha fixa para uma flor ao chão. Ajoelha e chora.

FELIPE

Tainá? Tá tudo bem?

TAINÁ

Minha vó gosta tanto dessa flor. Ela gosta muito de plantas. Essa tem até o cheiro dela.

FELIPE

Leva pra ela.

TAINÁ

Não posso. Perdemos ela na pandemia. Ela não resistiu.

Felipe ajoelha e a abraça. Crianças passam correndo ao fundo. Ela seca as lágrimas.

TAINÁ

Ela ia gostar muito daqui.

FELIPE

Tenho certeza que sim.

TAINÁ

Vamos, nós temos uma tirolesa pra pular.

FELIPE

Eu não vou, Tainá

EXT. TIROLESA - DIA

Felipe pulando a tirolesa, agarrado à corda, GRITA ALTO.

FELIPE

TAINÁÁÁ!!!!

INT. SALA DE AULA - DIA

Dia da apresentação do trabalho. Alunos entrando na sala. Sala com alguns alunos apresentando seu trabalho à frente da classe. Professor sentado na carteira da frente.

PROFESSOR

Próximo grupo.

Felipe está sentado ao lado de Tainá. Vira para ela.

FELIPE

Vamos?!

Aluno 1 está sentado na carteira da frente e vira para trás.

ALUNO 1

Bora?!

Tainá fica nervosa e a máscara embaça seus óculos. Os três se levantam juntos. Fazem a apresentação. Alunos aplaudem.

O professor se levanta e aplaude. Tainá sorri com o óculos embaçado.

PROFESSOR

Parabéns, alunos. Com um membro do grupo que mora na reserva indígena, vocês fizeram um trabalho excelente.

Felipe olha para o Aluno 1 e para Tainá. Fala baixo pra ela.

FELIPE

O gatinho mora na aldeia.

O professor pede para tirar uma foto do grupo. Todos tiram as máscaras e Tainá vê pela primeira vez o Aluno 1 sem o óculos embaçar. Aluno 1 estende a mão.

ALUNO 1

Prazer, KAYKE.

FIM

Autoria: Deivison Chioke

Curso Som Imagem e Movimento — Campus Sosígenes Costa

Videopoema

Categoría - Público Interno

Trabalho premiado

1º Lugar

Título: O canto do pássaro

Autoria: Filipe de Souza Couto

Curso Licenciatura Interdisciplinar em Artes – Campus Sosígenes Costa

Link de acesso ao videopoema premiado:

<https://youtu.be/5EmxMyLx-oc>

Videopoema

Categoría - Público Externo

1º Lugar

Título: Conceitos

Autoria: Adriana Santos Paixão

Estudante do Centro Estadual de Educação Profissional da Floresta do Cacau e do Chocolate “Milton Santos” – Curso Agroecologia em Alternância — Assentamento Terra Vista - Arataca/BA

Link de acesso ao videopoema:

<https://youtu.be/MTCmjFI8Mvo>

Menção Honrosa

Título: Meu cantinho

Autoria: Shirlei Candida de Freitas Oliveira

Estudante do Centro Estadual de Educação Profissional da Floresta do Cacau e do Chocolate “Milton Santos” – Curso Agroecologia em Alternância — Assentamento Terra Vista - Arataca/BA

Link de acesso ao videopoema:

<https://youtu.be/mrUFoepQNLy>

Menção Honrosa

Título:

E agora, Seu José?

Autoria: Sávio Louro Silva de Jesus

Estudante do CEEP Centro Estadual de Educação Profissional Álvaro Melo Vieira Ilhéus/BA.

Link de acesso ao videopoema:

<https://youtu.be/gynC0RMB7cI>

Videodança

Categoria - Público Interno

1º Lugar

[Houve um empate no 1º Lugar]

Título: Dança no silêncio

Autoria: Jhonatan Almeida de Souza

Curso Licenciatura Interdisciplinar em Artes – Campus Sosígenes Costa

Link de acesso à videodança:

<https://youtu.be/Po2OAlZCUH8>

Título: Memória das águas

Autoria: Kezia Matos dos Santos

Curso Licenciatura Interdisciplinar em Artes e suas Tecnologias — Campus Sosígenes Costa

Link de acesso à videodança:

<https://youtu.be/qQBLjsBUHnA>

Ficha Técnica

Universidade Federal do Sul da Bahia UFSB

<https://ufsb.edu.br/>

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura PROEX

<https://ufsb.edu.br/proex/>

Realização

Centro de Formação em Artes e Comunicação CFAC

<https://ufsb.edu.br/cfartes/>

Capa: Bruno Lopes

Produção Artística Cultural: Priscila de Cássia Pereira

Estudante Bolsista: Loa Luz

Este projeto de extensão foi apoiado com recursos da PROEX/UFSB por meio do Edital 01/2021.